



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

GISELE DE SOUSA ALVES

**UM ESTUDO DA SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO
DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 6º- ANO DOS ANOS FINAIS**

CATOLÉ DO ROCHA

2023

GISELE DE SOUSA ALVES

**UM ESTUDO DA SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO
DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 6º- ANO DOS ANOS FINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

ORIENTADORA: Profa. Mestra Keila Lairiny Câmara Xavier

CATOLÉ DO ROCHA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474e Alves, Gisele de Sousa.
Um estudo da sociolinguística: reflexões sobre o livro didático de língua portuguesa no 6º ano dos anos finais. [manuscrito] / Gisele de Sousa Alves. - 2023.
51 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "
1. Variação Linguística. 2. Língua Portuguesa. 3. Ensino.
4. Livro Didático . I. Título

21. ed. CDD 401.41

GISELE DE SOUSA ALVES

Aprovada em __01__ / __12__ / __2023__.

**UM ESTUDO DA SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO
DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 6º- ANO DOS ANOS FINAIS**

BANCA EXAMINADORA

Keila Lairiny Câmara Xavier
Profa. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier (CCHA/DLH/UEPB)
ORIENTADORA e PRESIDENTE DA BANCA

Rafael José de Melo
Prof. Dr. Rafael José de Melo (CCHA/DLH/UEPB)
EXAMINADOR INTERNO

Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida
Profa. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida (CCHA/DLH/UEPB)
EXAMINADORA INTERNA

DEDICATÓRIA

*Com gratidão, dedico este trabalho a Deus, devo a ele
tudo o que sou.*

*Também dedico esse trabalho a minha Mãe Graciana e
a minha a Avó Ana.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a Deus, que foi minha fonte de força e inspiração durante toda a minha vida acadêmica, sua presença em minha vida, me ajudou a superar as dificuldades e a encontrar o caminho certo para alcançar meus objetivos.

Agradeço a minha mãe, Graciana de S. Alves e a minha avó, Ana de S. Alves, que me ensinaram a importância do esforço e da dedicação, e me apoiaram em todas as escolhas que fiz durante minha jornada acadêmica, foram minha fonte de inspiração e motivação todos os dias, para buscar sempre o melhor, vocês são minha fortaleza.

Não poderia deixar de mencionar a importância do meu esposo/companheiro, Franklen de A. Alves, em minha vida e em minha trajetória acadêmica, seu amor, apoio e, principalmente, incentivo, foram imprescindíveis para que eu pudesse ter coragem de enfrentar os obstáculos e seguir em frente.

Ao meu Avó, Assis Alves, (*in memória*), sempre soube de todo amor que teve por mim. Aos meus irmãos, Maria Clara Costa, Gloria Alves e Michel Alves, foram também fonte de inspiração quando pensei em desistir.

Também gostaria de agradecer a todos os meus familiares e, em especial, a minha tia Fabiana de S. Almeida e minha prima/irmã Flavia de S. Almeida, pelas palavras de apoio e sempre se fazerem presente nos momentos árduos.

Gostaria de agradecer a minha orientadora Profa Ma. Keila Lairiny que, com paciência e dedicação, acompanhou todo o processo de elaboração deste trabalho, fornecendo orientações valiosas e contribuindo para meu desenvolvimento, sem sua colaboração, este TCC não seria possível.

Também gostaria de agradecer ao Sr. Ananias Dionísio (Jeckson Travesso), por todo apoio e por todas as caronas da minha cidade até a instituição, gratidão.

Gostaria de agradecer a todos os professores que, através de seu exemplo e de seu comprometimento com a educação, me inspiraram a buscar sempre o melhor de mim mesmo e a perseguir meus sonhos.

Quero agradecer à instituição que me acolheu como aluna e me proporcionou uma formação completa, seus valores e sua missão institucional foram inspiradores para minha trajetória acadêmica e profissional.

Por fim, e não menos importante, aos meus irmãos de curso M^a de Fatima, Amanda Kelle, João Victor, Lohana e Karol, que foram meu ombro amigo durante cinco anos, dividimos

risadas sinceras, aventuras companheirismo, mas também, angústias, medo e fome (risos),
obrigada por tornar o fardo mais leve.

“Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas sim preparar a mente para pensar”.

(Albert Einstein)

RESUMO

Pretende-se com esta pesquisa, mostrar que, com o passar dos anos, o ensino em sala de aula e a educação, passaram por inúmeras modificações, entre elas, a prática do Livro Didático, como um instrumento de suporte ao docente em sala de aula. Perante esta realidade, tornou-se de suma importância a análise destes materiais/ferramentas, disponibilizados aos educandos, com uma ênfase particular na área enriquecedora da sociolinguística. Esta pesquisa monográfica tem como objetivo geral analisar o ensino da sociolinguística no Livro Didático de Língua Portuguesa para alunos do 6º- ano. A pesquisa possui como principal finalidade, analisar como a temática da Variação Linguística é proposto no Livro Didático selecionado para esta análise e, se a real concepção desta temática, é inserida dentro deste material pelos autores, por este motivo, a pesquisa tem como abordagem de análise qualitativa, porque essa abordagem nos permite compreender melhor os fenômenos analisados, gerando resultados mais objetivos e compreensíveis, os quais podem ser levados para sala de aula. Esta pesquisa tem como principal base teórica os estudos Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), Mollica- Maria Cecília; Maria Braga (2003) Antunes (2009). Como resultado final, chegou-se ao entendimento de que, embora apresente um conteúdo relevante sobre a variação linguística, ainda é preciso de uma visão mais clara sobre este conteúdo, principalmente, sobre como proceder esse assunto com os alunos através dos Livro Didático. Espera-se ainda que este trabalho possa contribuir ao leitor ou educadores em formação, formas de investigar como a variação linguística é mencionada/proposta no Livro Didático de Língua Portuguesa pelos autores, ressaltando a importância de realizar uma análise prévia destes materiais antes de disponibilizá-los aos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Língua Portuguesa. Ensino. Livro Didático.

ABSTRACT

The aim of this research is to show that over the years, classroom teaching and education have undergone numerous changes, including the practice of the Textbook, as an instrument to support teachers in the classroom. In view of this reality, it has become of paramount importance to analyze these materials/tools that will be made available to students. In view of the above, this monographic research has as its general objective to analyze the teaching of sociolinguistics in the Portuguese Language Textbook for 6th grade students. The main purpose of the research is to analyze how the theme of Linguistic Variation is proposed in the Textbook selected for this analysis, and if the real conception of this theme is inserted within this material by the authors. This research has as its main theoretical basis the studies Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), Mollica- Maria Cecília; Maria Braga (2003) Antunes (2009) This research is based on the reading of these materials, and analysis of the activities, it was observed how the authors of the studied works point out the theme. As a final result, after the analysis of the material presented by this research, it was possible to reach the conclusion that the analyzed material, although it presents a relevant content on the theme presented, still lacks a clearer view on Linguistic Variation and essentially on how to proceed this subject with students through the Textbooks. In this sense, based on the theorists who report this research, the objective was to promote to the reader of this work, or educators in training, ways to investigate how Linguistic Variation is mentioned/proposed in the Portuguese Language Textbook by the authors, emphasizing the importance of carrying out a prior analysis of these materials before making them available to students

KEY-WORDS: linguistic variation, Portuguese language, teaching, textbook.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 Livro Didático analisado

39

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Imagens da Capa da obra analisada nesta pesquisa	40
FIGURA 02	Sumario do livro didático <i>Geração Alpha</i>	42
FIGURA 03	Texto de apoio do Livro Didático em análise	43
FIGURA 04	Atividade 1 presente no Livro Didático	44
FIGURA 05	Atividade 2 presente no Livro Didático	46
FIGURA 06	Continuação da atividade 2 da figura 4	46
FIGURA 07	Atividade 3	48
FIGURA 08	Continuação da atividade 3	49
FIGURA 09	Atividade 4	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O ESTUDO DA SOCIOLÍNGUÍSTICA	18
2.1	LÍNGUA E LINGUAGEM	23
2.2	A NORMA PADRÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	24
2.3	SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	31
2.4	O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO	36
3	CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	39
3.1	TÍTULO ANALISADO	39
3.2	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE PESQUISA	40
4	SOCIOLINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO	41
4.1	LIVRO DIDÁTICO <i>GERAÇÃO ALPHA</i>	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa, como toda língua, é oscilante e imutável, é uma realidade heterogênea, que se encontra em constante e múltiplas transformações. Por isso, qualquer língua se constitui de muitas camadas, o que significa dizer que se diversifica, está relacionada por meio de vários princípios, como grau de instrução, *status* social, profissão, contexto de comunicação, sexo, vertente religiosa, região geográfica e contexto histórico. O reconhecimento e o entendimento da heterogeneidade da língua é um vantajoso e importante passo, para que se remodele a ideologia do monolíngüístico no Brasil, tendo em vista que, monolíngüístico é a situação da pessoa que fala apenas uma língua ou de um país onde apenas uma língua é falada.

Nesse contexto, é importante demarcar historicamente que foi a partir da colonização no Brasil, iniciada pelos Portugueses, em 1530, que se introduz na sociedade brasileira, o critério do “bom português”, ou seja, daquilo que, linguisticamente, é considerado correto e aceito em relação ao uso da nossa língua materna e o instituído como erro. Contudo, como sabemos, na língua, não existe noção de erro, mas de estabelecimento de comunicação e interação. A realidade linguística do Brasil parte de uma formação de diversos dialetos variacionais, influenciado, também, pela miscigenação

Nesse sentido, o campo de estudo da sociolinguística, que tem como objetivo o estudo da língua, a partir de uma perspectiva social, pensa, sobretudo, a classificação das variações linguísticas, voltados para o real funcionamento da língua. A partir disso, surgem preocupações em relação ao trabalho da língua no espaço escolar, sobretudo, na Educação Básica, o que interfere diretamente em modificações relacionadas aos materiais didáticos manuseados pelos docentes em sala de aula, especificadamente, o livro didático.

Nessa conjuntura, afirmamos que os livros didáticos são utilizados como um instrumento de apoio para o professor, no processo de ensino e aprendizagem, abordando conteúdos e recomendações de atividades, algumas sugestões, simplificando a elaboração do plano pedagógico, ao oferecer fontes de pesquisa e propostas de exercícios dentro da própria obra. Isso gera uma economia de tempo e energia destinados ao planejamento, permitindo que o docente foque menos no “o que ensinar” e mais no “como ensinar”.

No que, diz respeito ao trabalho com sociolinguística, argumentamos que o livro didático tem trabalhado questões que se voltam para essa perspectiva, contudo, ainda, de uma maneira muito tímida, sendo necessário uma ampliação do material abordado. Por isso, pesquisas realizadas nos últimos anos, por linguísticos como Stella Bortini Ricardo (2004), em sua obra *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na sala de aula*; Luiz Carlos Cagliari (1996),

em sua obra *Alfabetização e Linguística*, são respaldos fundamentais que norteiam o estudo de um trabalho mais reflexivo no ensino de língua materna, sobretudo, no que diz respeito ao trabalho com a perspectiva social. Muito se ouve hoje, num tratamento minucioso das variações linguísticas no âmbito escolar, a fim de que a instituição possibilite uma atitude de reconhecimento diante das diversidades linguísticas.

Em vista disso, ressaltamos a necessidade de analisar como a variação linguística é exposta no livro didático de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, com a intenção, também, de averiguar as relações que o tratamento da variação linguística tem com as principais orientações curriculares do ensino de Língua Portuguesa. Nesta pesquisa, comungamos com pressuposto de que a escola tem o fundamental papel de estimular o aluno a entender e refletir sobre a realidade linguística, levando em consideração as distinções e características/variedades, estrutura composicional e funcionamento da língua, a partir das mudanças sociais, situacionais e regionais.

Trabalhar a variação no livro didático de Língua Portuguesa, justifica-se, primeiramente, pelo entendimento de que, na maioria das vezes, é o único recurso de que o professor dispõe como fonte de consulta e suporte nas aulas, sendo um dos mais importantes instrumentos reguladores das práticas pedagógicas e guia para as questões linguísticas. Assim, este trabalho aponta as falhas e incoerências pertencentes ao ensino de Língua Portuguesa, no que diz respeito ao livro didático, especificamente, no estudo da Sociolinguística, além de mostrar a importância da valorização da língua materna.

É imprescindível mencionar, também, a relevância das variedades linguísticas e pensá-las como uma chance de formação crítica e social, para alunos que já pertencem à mesma comunidade ou sociedade que seus professores, compartilhando as mesmas variedades linguísticas e experiências sociais. No entanto, esses alunos, também, têm uma perspectiva única e uma compreensão específica do mundo, que pode não coincidir com a perspectiva apresentada pelo professor.

Por isso, a ideia principal é que os professores devem reconhecer a bagagem linguística e cultural dos alunos como um ponto de partida valioso para a formação de conhecimentos. Em vez de desconsiderar as variedades linguísticas dos alunos, os professores podem usá-las como uma base sólida para a aprendizagem, respeitando a identidade e a experiência dos estudantes enquanto os ajudam a desenvolver habilidades linguísticas e críticas adicionais, o que promove uma educação mais inclusiva e eficaz.

Desse modo, esse trabalho pesquisa, de maneira específica, o ensino da sociolinguística no livro didático de Língua Portuguesa para alunos do 6º- ano do Ensino Fundamental II. A

concepção sobre variação linguística é extremamente fundamental para os alunos, pela necessidade de entender e assimilar que a língua é viva, heterogênea e alcançável a todos os grupos sociais e povos.

Sobre esse viés, essa monografia analisa a variação linguística no livro didático Língua Portuguesa, da Geração Alpha, trabalhado nas turmas do 6º- ano do Ensino Fundamental II. Este estudo pode contribuir com as perspectivas ainda não apresentadas por estudos anteriores e/ou abordar pontos já analisado por outros estudos, firmando o debate acerca de um tema tão importante e necessário no ensino de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, esse estudo contribui para o aprofundamento das concepções de ensino da variação linguística na sala de aula, a fim de destacar sua importância no ensino e aprendizagem dos alunos, fazendo com que aprendam meios de inserção para se tornar um membro crítico e consciente da comunidade em que vive, sem preconceitos com a linguagem. Por este motivo, a pesquisa tem como abordagem de análise qualitativa, porque essa abordagem nos permite compreender melhor os fenômenos analisados, gerando resultados mais objetivos e compreensíveis, os quais podem ser levados para sala de aula.

Desse modo, essa pesquisa objetiva, principalmente, analisar o ensino da sociolinguística no livro didático de Língua Portuguesa para alunos do 6º- ano do Ensino Fundamental II. Diante desse objetivo geral, elencamos alguns outros específicos: (i) Verificar e interpretar o tratamento da sociolinguística no livro de Língua Portuguesa do 6º - ano do Ensino Fundamental II; (ii) Analisar as propostas didáticas/metodológicas da sociolinguística no livro didático de Língua Portuguesa; (iii) Refletir sobre as propostas de atividades tratadas no livro didático para se trabalhar em sala de aula.

Embora já pesquisado por diversos estudiosos a língua, ainda se torna necessário entender como é dada a abordagem da variação linguística nos livros didáticos de LP dos anos finais. A variação linguística é fortemente presente na nossa língua, sobretudo, dentro do ambiente de sala de aula. Assim, esta monografia visa possibilitar e propor uma análise sobre este tema, mediante concepções e visões já abordadas por teóricos e estudiosos acerca dessa temática.

Para a realização desta pesquisa, este estudo baseou-se, principalmente, em Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), Mollica- Maria Cecília; Maria Braga (2003) Antunes (2009). A averiguação do tratamento, dispensado a este tema, proporciona que professores, alunos e futuros docentes, possam refletir sobre o entendimento e usos da variação no cotidiano escolar. Trabalhar este tema na escola, oportuniza ao aluno reconhecer a norma culta e identificar as variedades da Língua Portuguesa, visto que a língua sofre modificações e adaptações, sobretudo, ortográficas. O entendimento deste tema pelo aluno concede uma visão mais ampla, que engloba

a norma-padrão, mas, em contraposto, posiciona diante de novas visões, que vão além do que é classificado e julgado como correto.

Didaticamente, este trabalho se divide em 5 capítulos, assim, distribuídos: este primeiro que traz as considerações iniciais, com seus objetivos e intenções; um segundo capítulo que reflete acerca do estudo da Sociolinguística, exemplificando o surgimento desse estudo; Língua e Linguagem, trazendo as diferenças entre os dois termos; A Norma Padrão e a Variação Linguística, um estudos sobre as duas temáticas ; Sobre o preconceito Linguístico, como é empregado tal ato; O Ensino de Língua Portuguesa e a Importância do Livro Didático , como funciona o estudo da LP e as possíveis contribuições do material didático.

2 O ESTUDO DA SOCIOLÍNGUÍSTICA

A expressão da sociolinguística aconteceu, sobretudo, em 1964, de maneira especial, com Willian Labov, que elaborou um modelo de interpretação e distinção do acontecimento linguístico, no âmbito social de comunidades urbanas, afamado como Sociolinguística Variacionista e/ou Teoria da Variação. Labov (1964) enfatiza o papel resolutivo das razões sociais na explicação da variação linguística, ou seja, diversidade linguística e associa fatores como sexo, idade, origem, ocupação, étnica e atitude ao papel linguístico.

As aquisições/estudos da sociolinguística podem ter competências diversas, a depender da sua finalidade, por exemplo, pode representar a fala da cidade de Nova York, dos estudantes de direito ou dos surfistas de uma comunidade do Rio de Janeiro, dos imigrantes, dos gaúchos, dos caipiras, entre outros. Ao analisar/estudar qualquer comunidade linguística, a averiguação mais rápida é a existência de variação ou das diversidades, pois, toda comunidade se define pelo pertencimento de diferentes modos de falar – variedades linguísticas. Como menciona a autora Bertini (2004), não importa lugar/país a variação existe:

Isso acontece em todos os países, entre os quais podemos citar a Espanha, a Itália e a França. Neste último país, por exemplo, o dialeto francês que adquiriu mais prestígio e que hoje tem mesmo o status de língua nacional é o falado na região de Paris, onde se estabeleceu primeiramente a Corte francesa e, depois da Revolução Francesa de 1789, a sede da República. Quando um falar, isto é, um dialeto ou variedade regional, é alçado à condição de língua nacional em virtude de um processo sócio-histórico, ele adquire maior prestígio em detrimento dos demais.” (Bortino-Ricardo, 2004, p.34).

O grupo de variedades linguísticas empregadas por uma comunidade, é autodenominado de repertório verbal. Por isso, qualquer língua, falada por qualquer comunidade, expressa, a todo momento, as variações linguísticas pertencentes ao meio comunicativo. Isso acontece, pois nenhuma língua encontra-se como entidade homogênea, já que todas são caracterizadas por uma série de variedades. O conceito de língua e variação, são pertencentes a sociolinguística, que visa a heterogeneidade da linguagem, não como um impedimento, mas como atributo constitutivo do fenômeno linguístico.

Nesse sentido, a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para a Sociolinguística, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma. A língua, estudada nessa perspectiva, deve examinar as variações linguísticas, como sotaques, dialetos e registros de fala, e buscar entender como essas variações são usadas para expressar identidade e pertencimento social. Assim, a

Sociolinguística analisa, também, como as normas linguísticas são estabelecidas e como podem mudar ao longo do tempo. Nesse contexto, Camacho (2001, p. 50) afirma que:

O exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável, não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para uma sociolinguística, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (Camacho, 2001, p. 50).

Nesse entendimento, o homem é um ser social, de modo que há inúmeros aspectos que intervêm na fala humana. Apesar disso, o meio mais global que detemos para a comunicação, é a língua, que está distante de ser um instrumento estático. Por isso, a variação linguística, de acordo com alguns teóricos, sucede em todos os níveis de desenvolvimento da linguagem, e realiza-se no papel do emissor e do receptor, sempre levando em consideração, a região em que se encontra (emissor ou receptor), classe social, faixa-etária e profissão, grau de letramento, sendo eles responsáveis por essa variação. Conforme afirma Mollica (2004, p. 12):

[...] a pesquisa sociolinguística foi motivada pela constatação de que crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classe média e classe alta. Hoje podemos explicar essas diferenças com base no grau de letramento com que as crianças convivem em seu ambiente familiar (Mollica, 2004, p.12).

Levando em consideração o caso do Brasil, pelo fato de ser um país amplo e com uma população múltipla, fazendo uso da mesma língua materna, conseqüentemente, sempre haverá a heterogeneidade linguística, dentro do mesmo estado ou comunidade linguística.

Desse modo, a área da pesquisa da sociolinguística está determinando o estudo dos problemas que rodeiam a relação sociedade/língua, sendo que sua primordial função, é desvendar a variação sistemática da língua e do suporte social e a proximidade causal em uma direção ou outra. Tanto a sociolinguística como a pesquisa sociolinguística, lidam com a mesma finalidade, a diversidade linguística, representando o falar em sua significância, levando em consideração a origem, escolaridade, idade, sexo e o aspecto monetário, não para delimitar os limites sociais, mas para comprovar que o homem é um ser sociável e que, em qualquer circunstância, é capaz de se fazer compreender e entender a mensagem proposta.

Nesse contexto, é importante mencionar que a sociolinguística chegou ao Brasil como parte da disseminação da disciplina “Linguística”, pelo mundo, a partir do século XX. Sua

introdução e desenvolvimento no país, seguiram padrões semelhantes aos de outras nações, e a contribuição de linguistas brasileiros, foi fundamental. A sociolinguística se estabeleceu no Brasil a partir de algumas etapas:

- Influências Internacionais: como mencionado anteriormente, a sociolinguística começou a se desenvolver internacionalmente, na metade do século XX, as pesquisas pioneiras de linguistas como William Labov nos Estados Unidos e outras sociolinguísticas europeus, influenciaram o interesse pela análise da variação linguística e sua relação com a sociedade. Para Mollica (2004, p. 12-13): “Liderados por William Labov, os sociolinguistas pioneiros, nos Estados Unidos, desenvolveram intensivas análises contrastivas entre a Sociolinguística e a variedade do inglês que era a língua materna dos alunos em questão e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola”;

- No Brasil, os trabalhos pioneiros foram os dos estudiosos Marcos Bagno (1997) e Ataliba Teixeira de Castilho (1987), que desempenharam um papel crucial na introdução e desenvolvimento da sociolinguística. Eles realizaram estudos sobre variação linguística e a relação entre língua e sociedade no contexto brasileiro. Além disso, Universidades e Instituições de Pesquisa, fizeram com que a sociolinguística ganhasse força, à medida que foi incorporada às atividades de universidades e instituições de pesquisa no Brasil. Também destacamos os Departamentos de linguística e programas acadêmicos que começaram a oferecer cursos de sociolinguística, o que atraiu estudantes e pesquisadores para a área.

Inicialmente, os estudos que perpassam a sociolinguística no Brasil, concentraram-se em questões de dialetologia e variação linguística regional, o que envolveu a análise de diferentes dialetos e sotaques brasileiros, considerando fatores sociais, geográficos e culturais. Para Mollica (2004, p. 51), “a Sociolinguística vai procurar imprimir à pesquisa dialetológica o mesmo caráter estruturalista da pesquisa linguística hegemônica”. Ao longo do tempo, a sociolinguística no Brasil, expandiu seu escopo para incluir estudos sobre questões sociais e identidade, como o papel da linguagem na construção de identidades étnicas, de gênero e de classe no contexto brasileiro.

A sociolinguística chegou ao Brasil por meio da influência de estudiosos internacionais e da contribuição de linguistas locais, desenvolvida ao longo do tempo, sobretudo, abrangendo uma variedade de temas linguísticos e sociais específicos do contexto brasileiro, e continua a ser uma área importante de pesquisa e ensino no país. Por isso, a sociolinguística é vista no Brasil como uma área fundamental para compreender a complexa realidade linguística do país. Ela desempenha um papel importante em várias áreas e é percebida de diversas maneiras, influenciando diretamente o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, promovendo uma

abordagem mais inclusiva, que reconhece a validade das diferentes variedades linguísticas. Isso ajuda a combater estigmatizações linguísticas e a promover uma educação linguística mais contextualizada.

Dessa maneira, a sociolinguística contribui para o reconhecimento da rica diversidade linguística presente no Brasil, de forma que não há uma única "forma correta" de falar português, mas uma variedade de formas igualmente válidas, cada uma com seu contexto e valor. A sociolinguística é vista no Brasil como uma disciplina que ajuda a compreender, valorizar e lidar com a complexa realidade linguística do país, desempenhando um papel importante na promoção da diversidade linguística e na busca por uma comunicação mais inclusiva e respeitosa. Fernando Tarallo (1994), em *Pesquisa Sociolinguística*, mostrou que os falares regionais podem ser descritos com base em uma metodologia da linguagem que subdivide o trabalho da linguística.

A sociolinguística estudaria as relações entre as variações sociológicas, descrevendo o falante, em toda sua essência, não desprezando o contexto em que se encontra, mas levando em consideração todo aspecto envolvido no momento em que emite uma mensagem. Nesse mesmo contexto, o autor afirma que a língua, por ser um marcador, que identifica usuários ou grupos, as quais pertencem, podem, também, ser o delimitador das diferenças sociais no seio de uma comunidade. O comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social.

Nesse caso, também, podemos falar em estratificação linguística, uma consideração importante a ser feita é que tratar da língua, é tratar também de seres humanos. É justamente nesse tratamento, nessa relação entre a língua e os seres humanos que a falam, que emergem o preconceito linguístico, que, infelizmente, é muito comum na sociedade brasileira. O preconceito linguístico está, antes de tudo, associado com o falante, ou seja, é também um preconceito social, além de ser também resultado da milenar da confusão estabelecida entre gramática e língua. Da mesma forma que a humanidade evolui e se modifica, com o passar do tempo, a língua acompanha essa evolução e varia de acordo com os diversos contatos entre os seres pertencentes à comunidade universal. Assim, ela é considerada um objeto histórico, sujeita a transformações, que se modifica no tempo e se diversifica no espaço.

De acordo com o sociolinguístico Marcos Bagno (1999), preconceito linguístico é o comportamento que equivale em discriminar um indivíduo, por causa do seu modo de falar. Esse preconceito é praticado por aqueles que tiveram acesso à educação de qualidade, à “norma padrão de prestígio”, dominam as classes sociais predominantes e, sob a justificativa de defender a Língua Portuguesa, acreditam que o falar daqueles sem instrução formal e com pouca escolarização, é “feio”, e marcam o discrepante sob o rótulo do “erro”. Lamentavelmente, “preconceito linguístico” é apenas um título “bonito” para um grande preconceito “social”, não é

a forma de falar que sofre preconceito, mas a identidade social e individual do falante que sofre o ato.

Para amenizar o preconceito, seja ele social, racial ou qualquer outro, é imprescindível que haja uma democratização da sociedade, que dê probabilidade “iguais” a todos, reconhecendo e respeitando suas diferenças. Posterior a isso, nada melhor do que indagar a *Novela Sociolinguística, A língua de Eulália*, de Marcos Bagno, publicada em 1997. A obra expõe o uso de uma linguagem “diferente”, nem sempre pode ser julgado um “erro de português”. A forma “estranha” das pessoas falarem pode ser explicada por algumas ciências como a história, a linguística e até mesmo a psicologia. Ainda que a nossa prática educacional questione a existência de uma pluralidade dentro do universo da língua portuguesa e não aceite que a norma padrão é uma das muitas variações prováveis no uso do português, a “língua portuguesa” está em continua modificações.

Entre outras coisas, a obra *A Língua de Eulália* aborda que, na comparação entre o português-padrão e o português-não-padrão, o principal preconceito pontiagudo não está relativo diretamente as diferenças linguísticas, mas as diferenças sociais. Explorando a sociolinguística de maneira sublime, Bagno (1997) e a sociolinguística, se encarregam de repassar, através desta obra que, por mais diferentes que possam apontar certas pronúncias, por mais incompatíveis que sejam com o português padrão, que estudamos na escola, cada uma dessas pronúncias têm uma criação perfeitamente justificável dentro da história da língua portuguesa. Nesse viés, o livro *A Língua de Eulália* dirige o leitor a uma verdadeira viagem ao país da linguística, além de auxiliar ainda mais a entender a nossa rica língua portuguesa.

A Língua de Eulália não apenas enriquece nossa compreensão da Língua Portuguesa e da sociolinguística, mas também destaca a importância de integrar essa riqueza de variações linguísticas no ensino da língua em sala de aula e nos livros didáticos. Ao reconhecer e valorizar a diversidade linguística e as diferentes origens sociais por trás delas, podemos criar um ambiente educacional mais inclusivo, em que os estudantes não apenas dominam a norma padrão, mas também apreciam a multiplicidade de formas em que nossa língua se manifesta. Isso não apenas enriquece suas habilidades linguísticas, mas também promove uma maior consciência cultural e social, preparando-os para a comunicação em um mundo diversificado e dinâmico.

No próximo tópico, intitulado “A Norma Padrão e Variação Linguística”, iremos falar sobre a importância da Norma Culta Padrão, mas também acerca da relevância de se entender as Variações Linguísticas.

2.1 LÍNGUA E LINGUAGEM

A língua é um instrumento vivo que nos possibilita a comunicação, interação, por isso, é considerada funcional, estando em constante evolução e transformação. Da mesma forma, como tudo que é vivo, a língua não é diferente, após passar pela a fase Proto histórica- língua falada na Lusitânia no século IX, até fins do século XII, com textos escritos em *latim* bárbaro (modalidade usada em documentos forenses da Idade Média). Em seguida, chegamos ao Português Arcaico que se originou através da mistura entre os dialetos árabes e do *latim*, trazido à península ibérica durante a invasão muçulmana, dando, primeiro, origem ao galego-português, língua que, mais tarde, seria oficial em Portugal, esta fase foi chamada de trovadoresca, e terminou em meados do século XIII.

Depois, a Língua Portuguesa entra em sua fase “moderna”, a partir do século XVI, através da definição da morfologia e da sintaxe e, portanto, do surgimento das primeiras gramáticas. Nesse contexto, destacamos que a rica literatura renascentista teve um papel fundamental para a normatização do português moderno, ficando claro o percurso e evoluções da nossa Língua Portuguesa, até chegar no português moderno.

Desse modo, a língua é algo que nos leva a diferentes perspectivas, a exemplo disso, destacamos os diversificados conceitos de língua. Para melhor introduzir a ideia de que a linguagem é um campo complexo com diversas perspectivas teóricas, Ferdinand Saussure, conhecido por seu trabalho na linguística estrutural, destaca a importância da estrutura da linguagem e do signo linguístico, vendo a linguagem como um sistema estruturado de elementos interligados, em que as palavras ganham significado apenas em relação às outras palavras no sistema. Isso deu origem à abordagem da linguística estrutural, que se concentra na análise da estrutura da língua.

Nesse sentido, Bakhtin se destaca, ao considerar a língua como um fenômeno social de interação, devido à sua ênfase na natureza dialógica da linguagem, bem como na influência dos contextos sociais e culturais na produção e compreensão da linguagem. Suas ideias têm sido fundamentais para a compreensão da comunicação humana e da complexidade das interações linguísticas. Bakhtin (1995), em suas obras, relata a língua como fenômeno social de interação;

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (Bakhtin, 1995, p. 123).

Como conceito concreto fundamental da língua e dos sujeitos que por meio dela se manifestam, o fenômeno social da interação verbal aponta possibilidades reais para que a escola seja um lugar específico e dialógico por excelência. Já a linguagem, é um fenômeno humano e está profundamente associado com práticas sociais. Conseqüentemente, quando perguntamos pelo significado, é fundamental pensarmos o que as pessoas estão fazendo quando usam a linguagem. Isso acontece, porque a forma de linguagem é definida pelo emissor, que por sua vez, transmite ao receptor sua mensagem, ou seja, a forma como a língua é repassada e representada.

Essa citação de Bakhtin (1995) enfatiza a importância da interação verbal como a verdadeira substância da língua. Ele argumenta que a língua não é apenas um sistema abstrato de formas linguísticas ou uma atividade isolada da mente, mas é moldada pelo fenômeno social da interação verbal, o que implica entender que a língua é uma construção coletiva que evolui através das interações sociais e da comunicação entre as pessoas. Essa perspectiva destaca a natureza dinâmica e social da linguagem, ressaltando a importância das interações e do contexto cultural na compreensão da língua.

Por isso, quando escutamos a expressão linguagem, associamos a origem de dois sentidos: o primeiro, a linguagem como habilidades do homem se comunicar, usando a língua, e a outra por meio das demonstrações práticas, por sinais, sejam eles gestuais, fisionômicos ou construtivos, nesse sentido, temos a canalização no trânsito, a dupla comunicação dos surdos-mudos, entre outros. Assim, a linguagem é um indispensável fator para o desenvolvimento e aprendizagem, à medida que assume um papel central nesses processos, servindo de base linguística essencial para aquisição das habilidades de escrita e leitura,

Nesse sentido, a linguagem oral oferece às crianças a oportunidade de compreender e experimentar a sonoridade das palavras, a entonação, o ritmo e a pronúncia, criando um alicerce sólido para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. É através do contato com a linguagem oral que as crianças começam a assimilar os princípios da linguagem, como a estrutura das frases, o vocabulário e a sintaxe. A língua oral seria uma base linguística fundamental para que as habilidades de escrita e leitura se estabelecessem. As habilidades de linguagem expressiva também foram consideradas por diversos escritores como bons sinais prévios da concepção de leitura.

2.2 A NORMA PADRÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Ao falar, o indivíduo não está simplesmente transmitindo sons, por meio das suas cordas vocais ou apenas sussurrando palavras. O ato de produzir sons linguísticos envolve toda uma

construção organizada, que se estabelece, entre o ritmo da fala, o tom da voz, o uso de marcadores e outros componentes que interferem diretamente na fala do indivíduo. Assim, temos a ocorrência de variados motivos que tornam a fala individual e relativa ao indivíduo e seu grupo social de inserção, construindo o fenômeno da Variação Linguística, que não pode ser estabelecida como um falar “errado”.

Segundo Antunes (2003), “a gramática reflete as diversidades geográficas, sociais e de registro de língua”. A língua possui o indispensável papel de permitir além da transmissão e inserção social, a identificação geográfica, a qual o sujeito pertence e, por isso, apresenta variações estilísticas e composicionais, sobretudo, porque a língua é viva e multifacetada. A língua vai muito além de ser um mero conhecimento, já que ela é aspecto atribuidor do próprio lugar de fala dos inúmeros grupos que formam a nossa sociedade, por isso, a língua faz parte intrínseca da identidade do sujeito.

Contudo, o ensino e a prática gramatical da Língua Portuguesa, quase sempre foram norteados por um olhar normativo, sendo interpretada como um conjunto de regras do bem falar e escrever, o que acarretou na noção de “erro”, sobretudo, quando se trata da forma de falar. A língua é um exercício social, ou seja, ela é desenvolvida completamente mediante o contato com a sua comunidade de fala e com a sociedade. Assim, sempre houve, e ainda há um olhar trancado sobre qualquer forma de conversação que esteja fora dos preceitos da gramática normativa.

Diante todos os fatores externos e internos à língua materna e com o progresso dos meios de comunicação, e através da adaptação da Língua Portuguesa, diante a sociedade, o discente vive em meio a dois mundos, quando se trata da língua: o primeiro, é a língua que ele fala, oriunda da sua comunidade linguística; a segunda é uma língua normativa, que a escola diz que é a correta. Segundo William Labov (1972):

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes em relação a níveis particulares de uso (Labov, 1972, p.120-121).

O discente pode ter dificuldades ao deparar-se com um mundo completamente oposto, em relação a sua realidade linguística, pois em uma comunidade de fala, os integrantes denotam diferentes perspectivas em relação à língua e à gramática e instituem novos dialetos. De acordo com esses apontamentos, torna-se, cada vez mais, imprescindível, que os educadores entendam os estigmas e prestígios pertinentes à Língua Portuguesa e, sobretudo, o que pode ser proposto e feito em sala de aula, para que preconceitos sobre o falar sejam desconstruídos. Assim, a

convivência social, como forma de interação, torna-se profundamente necessária, pois é através dela que formamos cidadãos e estes instituem suas impressões sociais e parcialidades. Como afirma o autor Marcos Bagno (1999, p. 15):

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc

Quando falamos em Variação Linguística dentro do cenário escolar, fazemos alusão a todos os avanços que a Sociolinguística possibilitou e possibilita em relação às pesquisas sobre este tema na esfera escolar, transformando a maneira como compreendemos a linguagem e a sua aplicação. Essa área de estudo proporcionou grandes contribuições para o âmbito educacional, entre eles são: respeito à diversidade linguística; a abordagem do ensino contextualizado, se voltando para o contexto social e cultural; a promoção da alfabetização crítica, incentivando os alunos a questionar e analisar as estruturas de poder que influenciam a linguagem; a abordagem centrada no aluno, em que os professores adaptam seu ensino para atender às necessidades específicas a cada grupo de estudantes; a compreensão da variação linguística, ajudando a entender as características natural da língua. Assim, a sociolinguística desempenhou um papel fundamental na promoção da equidade linguística, na valorização da diversidade linguística e na melhoria da qualidade do ensino de línguas nas escolas, tornando a educação mais inclusiva e sensível às diferenças linguísticas e culturais.

A Sociolinguística, segundo Mollica (2010), é uma das subáreas da Linguística, que realiza pesquisas, com a finalidade de entender como se dá a variação e seu uso nas diversas comunidades de fala. Como indivíduos sociais, nós somos múltiplos, e desta forma, também sucede o método da Variação Linguística que, por razões históricas, culturais e sociais, os falantes fazem o uso de expressões que variam em relação as distintas regiões do Brasil.

Dentro da linha de pesquisas propostas pela Sociolinguística, está a investigação da variação com as perspectivas linguísticas e sociais, ou seja, busca-se entender qual é a construção deste processo de fala, o que envolve identificar padrões de fala associados a diferentes grupos e contextos sociais, bem como entender como esses padrões se desenvolvem ao longo do tempo, além de examinar como fatores sociais afetam a linguagem e como a linguagem, por sua vez, desempenha um papel crucial na construção das identidades e relações sociais, contribuindo para uma compreensão mais profunda da complexidade da comunicação humana.

No âmbito escolar, há um contato direto do educando com a norma padrão, especialmente, com números tipos de variação existente. Dentro desse ambiente, é comum encontrar variações linguísticas, que ocorrem devido às diferentes origens culturais, regionais, étnicas e sociais dos alunos, pois a sociedade a qual vivemos, é constituída por inúmeros grupos sociais que apresentam suas marcas na fala, suas características e vivências. Para Cagliari (1996), cabe à instituição respeitar esses dialetos e, essencialmente, levar ao aluno a pensar sobre a importância dessas variedades linguísticas e como elas atuam. Assim,

Chegamos agora a um ponto importante. A escola deve respeitar os dialetos entendê-los e até mesmo ensinar como essas variedades da língua funcionam, comparando-as entre si; entre eles devem estar incluídos o próprio dialeto de prestígio, em condições de igualdade linguísticas. A escola também deve mostrar aos alunos que a sociedade atribui valores sociais diferentes aos diferentes modos de falar a língua e que esses valores, embora se baseiem em preconceitos e falsas interpretações do certo e do errado linguísticos, têm consequências econômicas, políticas e sociais muito sérias para as pessoas (Cagliari, 1996, p.82-83).

Cagliari (1996) destaca a necessidade de uma abordagem inclusiva na educação linguística, que valorize todas as formas de fala, promova a compreensão entre diferentes variedades linguísticas e conscientize os alunos sobre as implicações sociais da linguagem. Isso contribui para uma educação mais equitativa e sensível às questões linguísticas e sociais. Ao encontrar a escola impondo sua norma linguística, em sua função prescritiva, com base em um conjunto de regras ou princípios estabelecidos, estamos perante um problema, isso se refere ao fato de que muitas escolas tendem a ensinar e impor uma única forma de linguagem, a chamada "norma padrão" da Língua Portuguesa, como a única correta.

Nesse viés, quando a diversidade natural das formas de falar e escrever se choca com a ênfase na norma padrão, surge um problema. É importante que o educando, além de compreender a Língua Portuguesa, desenvolva seu senso crítico e analítico perante as causas que moldam a forma da língua materna. Incentivar este pensamento e essa visão, é compreender o verdadeiro conceito sobre o que é a norma padrão e a variação linguística.

Nas instituições de ensino, principalmente, os educadores, devem estar atentos aos conteúdos abordados em sala de aula e, sobretudo, como é a apresentação desses conteúdos aos alunos, tomando por horizonte que a escola possui o papel de possibilitar e proporcionar um olhar sobre a língua e, sendo assim, este olhar pode despertar uma visão errônea sobre a língua. Por isso, é importante que os educadores incentivem uma compreensão completa da língua, abrindo espaço para a exploração criativa, o diálogo e a apreciação da diversidade linguística. Uma abordagem mais flexível e contextualizada dos conteúdos linguísticos pode ajudar os

alunos a desenvolver uma visão mais precisa e enriquecedora da língua. Portanto, os educadores desempenham um papel fundamental na formação das perspectivas dos alunos em relação à língua, e devem estar atentos à forma como os conteúdos são transmitidos para garantir uma compreensão aberta, reflexiva e inclusiva da língua:

Ensinar português para falantes nativos como se fosse uma língua estrangeira é de fato um absurdo. A questão assim colocada tem uma resposta pronta e fácil, mas, na prática escolar pode-se constatar que muitas das atividades que a escola realiza com os alunos revelam uma atitude perante a linguagem semelhante à que teria se estivesse ensinando uma língua estrangeira (Cagliari, 1996, p.28).

Nesse sentido, o papel da escola é identificar/reconhecer a relevância dos dialetos e das variações linguísticas, que constituem a sociedade em que vivemos. Se tornando relevante que este reconhecimento seja feito com ênfase em fatos verídicos sobre a língua, para que não haja atos de distinção contra as variantes e seus falantes. Há inúmeras razões sociais, formativas que proporcionam tais atos. Segundo Faraco (2002), quando se fala de norma padrão, temos como conceito aquela que está carregada de preconceitos em relação às demais variedades, seu eixo fundamental é a padronização da língua, ou seja, todas as formas de falar fora deste padrão são classificadas como erradas. Assim, o falante estaria aprisionado à norma padrão na sua fala, na sua escrita e na sua oralidade.

Para esse tipo de norma, o ensino teria um caráter mais padronizado, de forma que se faz necessário um olhar minucioso a respeito da forma como o estudo da Língua Portuguesa acontece, desde os anos iniciais até o Ensino Médio, ou seja, em toda a Educação Básica. Assim, as propostas pedagógicas que, em muitas perspectivas, ainda preserva o ensino voltado apenas a conjuntura gramatical, não trabalham esses pressupostos na realidade que os educandos estão inseridos.

Desse modo, esse tipo de trabalho dificulta o ensino e aprendizagem e os objetivos da linguagem, tendo em vista que a linguagem funciona para que as pessoas consigam se comunicar socialmente. Apesar de muitas instituições já terem buscado o desenvolvimento dessa prática, no âmbito de uma reorientação dos professores para as experiências do novo, lamentavelmente, ainda não supera o comando de atividades isoladas e assistemáticas. Como reflete Irandé (2003, p. 20):

Consequentemente, persiste o quadro nada animador (e quase desesperador) do insucesso escolar, que se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele “não sabe português”, de que “o português é uma língua muito difícil”. Posteriormente, manifesta-se na confessada (ou

velada) aversão às aulas de português e, para alguns alunos, na dolorosa experiência da repetência e da evasão escola.

Segundo a pesquisadora e linguística Irandé Antunes (2003), se o que prevalece nas aulas de português permanece sendo o estudo assistemático e classificações gramaticais, ir à escola e assistir as aulas de português, pode não ter muito valor/interesse, especialmente, para quem necessita, com eficiência, buscar habilidades em escrita de textos e em leitura. Até mesmo para quem necessita ter uma certa competência fluente no funcionamento mais categórico da comunicação oral.

Ainda é importante ressaltar o texto como objeto de estudo, para alguns professores, o texto é visto apenas como nomenclatura gramatical, por exemplo: vai estudar um determinado texto em sala de aula e, ao invés de iniciar a aula debatendo, discutindo e analisando o desenvolvimento da propriedade textual, para gerar comunicação e interação entre os alunos e professor, inicia-se o trabalho como o texto, a partir de uma análise, meramente, gramatical, procurando dentro do texto as nomenclatura gramaticais, fugindo do real sentido do texto.

Desse modo, em geral, o que se deve buscar com um planejamento de ensino e aprendizagem, o objetivo principal é criar aulas de português que enriqueçam o conhecimento dos alunos e os capacitem para melhorar sua habilidade de escrita e fala, ao mesmo tempo que aprimorem suas capacidades de leitura e escuta. Para atingir esse propósito, é essencial determinar o conteúdo de forma estruturada, que guie tanto o professor quanto o aluno em suas atividades de ensino e aprendizagem.

A finalidade do planejamento é proporcionar aos alunos uma educação abrangente, que os capacite a se expressar de forma clara, envolvente e eficaz tanto na escrita quanto na fala. Portanto, a sistematização do conteúdo é fundamental para orientar o processo de ensino e aprendizagem, garantindo que as metas educacionais sejam alcançadas com sucesso. Torna-se viável analisar¹, como é preparado e realizado o ensino em sala de aula, visto que, embora haja uma predominância do ensino voltado à norma padrão, sem considerar as variedades linguísticas existentes, tomando por conhecimento que se o ensino é padronizado, qualquer variedade, não seria percebida em sala de aula ou muito menos analisada.

Vale destacar, ainda, que o ensino em sala de aula deve ser voltado para todos os aspectos, de modo que o aluno possa entender a importância da gramática para seus conhecimentos sobre a língua, mas também identificar como se dá a formação de outras variações linguísticas. Em relação à Variação Linguística Bagno menciona que (1999):

¹ Nesta pesquisa não analisamos como é preparado, mas, posteriormente poderá ser analisado.

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer BUnito ou BOnito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu, particular! (Bagno, 1999, p.51-52).

A linguagem é traçada através da interação social e as suas práticas, desse modo, as variedades linguísticas necessitam ser delineadas e compreendidas dentro do âmbito escolar. Diante do histórico de ensino da Língua Portuguesa, marcado por um ensino voltado para a gramática normativa, e sempre com a intenção de prescrever normas e regras tanto para o uso oral, quanto escrito da língua, sempre objetivando à padronização, configura-se um ensino que se estabelece e preserva os paradigmas dos manuais gramaticais.

Destacamos, mais uma vez, que é de suma importância que outras direções possam adentrar a sala de aula, sem a visibilidade direcionada apenas para a norma, para a regra e para o padrão prescritivo. O ensino em sala de aula, deve ser voltado para todas as vertentes linguísticas, de modo que o discente possa entender a relevância da gramática, mas também, compreender como se dá a construção de outras variações linguísticas.

Em síntese, a Variação Linguística é composta por diversos fatores que moldam a compreensão linguística do falante, sejam eles sociais, de prestígio ou históricos. Essa vertente da Língua Portuguesa necessita ser entendida e inserida com mais fervor dentro do ambiente escolar e da sala de aula, e não apenas nestes ambientes, mas também dentro do Livro Didático, material que ilustra como um dos principais/meios de sustentação ao professor e aos alunos. Como afirma o autor Bagno (1999, p. 51):

Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a “corrigir” quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! (Bagno, 1999, p.51).

O ensino em sala de aula é extremamente necessário para a aprendizagem do aluno, por isso, a consciência sobre a norma padrão e as variedades linguísticas, precisam ser ofertada pelo professor em sala de aula. Apesar das instituições enfrentar obstáculos para um ensino voltado ao respeito às heterogeneidades linguísticas, ainda há uma imposição da norma-culta por parte do ensino tradicional e voltado para a norma gramatical. Também é competência dos educadores analisarem e compreenderem como sucede a manifestação da variação dentro de sala de aula e

nos livros didáticos, sobretudo, no que diz respeito comunidades do interior, já que há dialetos específicos, que pouco estão presentes nos livros didáticos, e não são abordados como deveriam ser, tão pouco empregado/estudado como a norma padrão culta é. Assim,

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (Bago, 2002, p. 134).

Apresenta-se a precisão da abertura por parte do sistema de ensino, sobretudo, dos livros didáticos, no tratamento à Variação Linguística, pois ela é parte de nossa sociedade e dispõe da sua grandeza social e, essencialmente, histórico na formação da nossa língua. Bago (2002) ainda destaca a importância de uma abordagem inclusiva e aberta no ensino da língua materna, que não apenas ensine a norma padrão, mas também celebre a riqueza das diferentes formas de usar a língua, transformando a sala de aula em um espaço de exploração linguística e compreensão das variedades sociolinguísticas.

Nesse contexto, destacamos que, em vez de enfatizar uma visão binária de "certo" e "errado", o ensino da língua deve promover a compreensão da diversidade linguística e cultural, capacitando os alunos a utilizar a norma padrão quando apropriado, mas também a reconhecer e respeitar as variações linguísticas que enriquecem nossa comunicação. O ensinamento da língua ocorre quando o discente está inserido e sente-se pertencente à sala de aula, ou seja, quando discutimos sobre variação linguística ou dialetos específicos/regionais de regiões interioranas. É indispensável que o docente tenha uma abordagem e estratégias de ensino focada para uma pedagogia que abranja o uso das variações do cotidiano, isto é, a língua para ser entendida, necessita das interações sociais e, acima de tudo, em sala de aula, sem denegrir ou prestigiar nenhum feitio de uso da língua. Tornar viável, em sala de aula, a reflexão sobre este tema, oportuniza uma melhor assimilação e compreensão do conteúdo, atingindo assim a importância da norma padrão e da variação linguística.

2.3 SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Ao abordarmos a importância do trabalho com a Variação Linguística em sala de aula, especialmente, no contexto dos livros didáticos, enfatizamos a necessidade de uma revisão fundamental na concepção que muitos educadores ainda mantêm em relação ao ensino da Língua Portuguesa que, por vezes, carece de abordagens mais precisas e contextualizadas. Essa

reformulação fornece uma explicação mais detalhada e enfatiza a imprecisão que precisa ser corrigida na abordagem do ensino da língua portuguesa.

Estas perspectivas errôneas dão espaço a diversos atos de incompreensão contra qualquer forma de fala, que seja oposta à norma-padrão considerada como culta. Ainda precisamos de muitos debates e formações sobre o preconceito linguístico, para que realmente ele seja colocado na prática de sala de aula. Nesse contexto Bagno (1999, p. 39) afirma:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, [...], uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português.

Apesar de nos tempos atuais, esta temática já ter sido debatida e seja alvo de muitas pesquisas, ainda se torna de suma importância, discutir o preconceito linguístico, alinhado com as instituições de ensino e à relevância que ela possui no desenvolvimento do educando em sala de aula. Mas devemos estar ligados à forma e às limitações que acabamos estabelecendo em relação a língua, procriando uma exclusão/discriminação dos demais grupos sociais que não fazem uso da norma-padrão culta. Vemos que há um valor de prestígio social concedido à norma-padrão, enquanto para os falantes que usam de algumas variantes regionais ou culturais, são considerados à margem da Linguagem culta e padrão. Segundo Bagno (2007, p. 83):

A língua é lugar e meio de conflito, porque a sociedade em que vivem os seus falantes também é conflituosa. Embora o linguista diga que NÓS VAI e NÓS VAMOS são variantes, isto é, “duas formas diferentes de dizer a mesma coisa”, o uso de cada uma delas comunica coisas que não são “as mesmas” para quem ouve a construção gramatical A e a construção gramatical B – comunica a origem social de quem fala A ou B, seu status socioeconômico, seu prestígio ou desprestígio na hierarquia da comunidade, sua inserção maior ou menor na cultura letrada, sempre mais valorizada que a cultura oral... Por isso, o discurso do linguista não pode dispensar o discurso do sociólogo, do antropólogo, do filósofo, do psicólogo, do pedagogo para dar conta do que realmente acontece quando a gente abre a boca para falar ou quando se põe a escrever.

Bagno (2007) argumenta que a língua é um espelho da sociedade em que vivem seus falantes, o que significa que as variações linguísticas não são meramente diferentes formas de dizer a mesma coisa, mas carregam consigo informações sobre a origem social, o *status* socioeconômico e o prestígio dos falantes. A diferença entre "NÓS VAI" e "NÓS VAMOS", não é apenas uma questão de gramática, mas comunica informações sobre a identidade social e cultural dos falantes. Essas variações podem indicar a filiação a determinados grupos sociais ou

regiões, ou seja, o autor destaca que a linguagem é uma ferramenta poderosa que reflete e influencia a sociedade, e sua análise requer uma abordagem interdisciplinar para compreender plenamente como ela é usada e interpretada. Ela nos lembra que a linguagem é mais do que apenas palavras e gramática, ela é um meio de expressão cultural e socialmente carregado.

O combate a qualquer tipo de preconceito/discriminação, deve ser constituído com base na educação, na informação e, primordialmente, na formação da sociedade. Atualmente, há uma tendência, em alguns programas televisivos, com tema humorístico, em censurar grupos sociais pelo seu modo de fala, sobretudo, ridicularizar estes grupos que fazem o uso de expressões regionais que são pertencentes a região à qual eles moram. Não exclusivamente, em programas televisivos, mas na sociedade, ainda ocorrem atos de preconceito linguístico. Para Bortoni-Ricardo (2004), cabe ao professor, no âmbito escolar, proporcionar ao aluno a visão adequada sobre a língua e sobre fatores que geram atos de preconceito linguístico:

[...]a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a identificação e conscientização [...] é preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar intervenções inoportunas[...] (Bortoni-Ricardo 2004, p. 42).

Nesse contexto, é importante a conversa em sala de aula, no sentido de levar conhecimento aos educandos e, principalmente, firmar o verdadeiro propósito da Língua Portuguesa. Bortini (2004) ainda destaca a importância de dois componentes na estratégia de ensino: a identificação e a conscientização. Isso significa que o professor deve ajudar os alunos a identificar as diferenças linguísticas e, ao mesmo tempo, conscientizá-los sobre essas diferenças. A ideia por trás disso, é capacitar os alunos a monitorar e compreender seu próprio estilo de linguagem, para que eles possam desenvolver uma maior consciência linguística e se comunicar de maneira eficaz em diferentes contextos. O falante da língua precisa enxergar a sua cultura, valores históricos e sociais que formam a sua identidade e que não podem ser ignorados e muito menos desqualificados por uma simples questão de linguagem. Travaglia (2009, p.14) afirma que “existem um grande número de variedades linguísticas, mas ao mesmo tempo reconhecer esta variação como um fato”.

Essa questão é colocada em pauta, este fato se torna uma cauda para que muitos conceituem a variação como uma questão avaliativa, ou seja, como algo que atribui um determinado valor a um grupo. Tomando por base esta questão, isso possibilita que a sociedade veja quaisquer variações e regionalismo com um olhar de “errado” ou “certo”, reafirmando, mais uma vez, a ideia do preconceito ligado à fala. A Língua concede ao cidadão uma consciência

gramatical, uma sensação de pertencimento, conforme cometemos qualquer ato de preconceito contra o modo de falar de uma pessoa, estamos quebrando internamente todos os valores culturais e sociais humanos que existem dentro daquele modo de fala, daquele lugar de fala.

É comum, então, se formar na mente dos educandos, várias lendas em relação à língua, entre elas que o “português é difícil”, e com estes mitos, construímos obstáculos internalizadas nos alunos que os impossibilita de compreender e ver que a Língua Portuguesa não é algo pertencente somente à elite, ou que falar corretamente é um instrumento de ascensão social. Torna-se extremamente relevante que a sociedade entenda que, atualmente, a construção de uma sociedade justa e igualitária, especialmente, dentro do meio educacional, é responsabilidade de todos nós. Isso só pode se tornar viável se cada um de nós reconhecermos e valorizarmos todos os fatores que nos tornam relativos à sociedade, entre eles, o censo de que a Língua Portuguesa não é uniforme.

Perante todos os mitos que rodeiam a Língua Portuguesa, inclusive, sobre os numerosos modos de fala, conforme aborda Bagno (1999), em *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*, estes mitos precisam ser desmistificados, pois são estas razões que implementam um ensino e aprendizagem inábil e geram atos de intolerância linguística dentro da escola e em diversos grupos sociais. Cabe aos educadores e pesquisadores, em atuação e em formação, buscarem meios para que, em suas aulas, abordagem como estes sejam disseminados dentro da instituição e sejam desenvolvidas efetivamente dentro do ambiente escolar e sobretudo dentro dos livros didáticos.

Outrossim, diante de todas as teorias linguísticas, difundidas em meados de 1980, é de suma relevância que os autores dos livros didáticos beneficiem o trabalho e a seleção com gêneros textuais diversificados, conforme aborda Bagno (1999) e Castilho (1998), pois este fato coopera para que os discentes possam compreender e analisar o texto, e o ensino pode ser traçado em uma pluralidade de variações linguísticas, para que os educandos passem a construir o seu próprio conhecimento linguístico.

É importante que o livro didático alcance uma maior pluralidade de gêneros textuais, cabe aos educadores/professores sugerir esta questão também, mas os autores necessitam conhecer o que a variação linguística representa, o que ela é, para que não façam uso de textos que permite ao aluno a ideia de que o seu modo de fala pode ser menosprezado, como é o caso de vários materiais que fazem uso das tirinhas do Chico Bento, com seu falar representativo do interior, e concebem, perante aos alunos, perplexidades e, em muitos casos, chacotas com outros companheiros que possuam um falar similar ao do personagem.

Segundo Bortini Ricardo (2004), a variação rural ou urbana, por exemplo, existente em muitas comunidades interioranas, gera comoções, conforme mencionados anteriormente, sentimentos de desprestígio e estigma da sua forma de falar. Para estes discentes, quando entram em um âmbito escolar, onde a língua de predominância valorizada pela escola, acomete com a sua realidade, gera neste momento um sentimento de inferioridade/desvantagem e não compreensão do seu falar dentro das suas práticas sociais.

Em sua obra *Educação em Língua Materna: a sociolinguística na sala de aula*, Bortoni-Ricardo (2004), aproxima-se precisamente a essas questões, como propiciar que a instituição de ensino não seja uma reprodutora de preconceitos e estigmas contra a língua materna e as suas variações presente entre os alunos. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 25):

O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso, ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação linguística nos domínios sociais. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. [...], mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística.

Para que haja uma ruptura destas raízes firmadas pelo preconceito linguístico, é preciso uma desconstrução de tudo que dispomos internalizados sobre as variedades linguísticas, pois a sua construção, a sua formação vai muito além do que acreditamos e conhecemos da origem a este modo de fala. São indagações históricas, sociais e humanas que oportuniza a formação destas variedades. Cumpre a nós executar aquilo que, segundo a Constituição Federal de 1988, promulgou que é a construção de uma sociedade justa e igualitária, sem injustiças, e sem preconceitos.

Nesse sentido, precisamos entender as diferenças que firmam a nossa sociedade e analisá-las do ponto de vista correto, que no que diz respeito à variação linguística e ao preconceito linguístico, apenas é possível quando distinguimos que a Língua Portuguesa é plural, histórica, significativa e, acima de tudo, simboliza/retrata um povo que venceu, através da história, e hoje possui a representatividade e a pluralidade e o seu lugar de fala, que alcançamos apenas quando compreendemos o poder da comunicação, da Língua Portuguesa e das relações sociais construídas da maneira certa.

2.4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUÊSA E A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que surgiu por volta de 1937 e passou por muitas melhorias ao longo dos anos, tem a finalidade de regular a distribuição de livros didáticos nas escolas brasileiras. Além disso, um dos seus principais objetivos, é levar aos alunos materiais que sejam convenientes ao seu respectivo nível de escolarização ensino, ou seja, que desempenhem e tornem viável a aprendizagem dos conteúdos corretos para cada etapa educacional da Educação Básica. As obras são disponibilizadas por algumas editoras, que elaboram estes materiais, de acordo com a BNCC/ ou currículo Nacional e realizam sua inscrição para que suas obras possam ser examinadas pelo programa e, caso aprovadas, sejam escolhidas pelos educadores e assim distribuídas para as instituições. Segundo Brasil (2001):

A partir de 1995, o MEC passou a desenvolver e executar um conjunto de medidas para avaliar sistemática e continuamente o livro didático brasileiro e para debater, com os diferentes setores envolvidos em sua produção e consumo, um horizonte de expectativas em relação a suas características, funções e qualidade” (Brasil, 2001, p.11).

Desse modo, a ênfase na avaliação contínua sugere que o MEC está comprometido com a melhoria constante dos livros didáticos, buscando garantir que eles atendam às necessidades educacionais dos estudantes e aos padrões de qualidade estabelecidos. Brasil (2001) indica que as decisões relacionadas aos livros didáticos têm um impacto significativo na educação do país. Livros de alta qualidade desempenham um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, reflete a importância da supervisão e da regulação ativa do setor de livros didáticos pelo MEC, bem como a abertura para a participação e contribuição de diversos interessados na melhoria do material educacional disponível para os estudantes brasileiros. Isso demonstra um compromisso com a qualidade da educação no país.

Conquanto, haja vários campos comprometido em todo o processo de seleção das editoras, escolha do material, ainda não encontramos pautas que sejam permeadas com o educador e educando no centro desta temática, pois, ainda que haja grandes profissionais incluídos em todo o processo, quem disfruta toda a realidade da escola, já recebe em suas mãos, de certa forma, um material já pré-selecionado e isso pode impactar no papel e atuação que este material pode ter em sala de aula. Para que um planejamento de ensino de língua positivo, torna-se importante que haja uma concepção do que realmente é a língua e que o professor conheça essa concepção. Assim, vemos que além da precisão de verificação dos livros didáticos, torna-se

de suma relevância, que haja a captação dos papéis que a língua apresenta e dos seus temas que são tão oportunos e necessários como a variação linguística.

Torna-se visto que, na contemporaneidade, a seleção de materiais didáticos baseia-se na avaliação de sua capacidade de atender às necessidades do professor em sua prática pedagógica e de suprir as demandas de conteúdo em sala de aula, de forma abrangente. Essa versão busca tornar mais claro o propósito da seleção de materiais didáticos e sua relação com as necessidades do professor em sala de aula. Por isso, tornam-se ainda mais importante pesquisas que analisem o tratamento desonerado a temas como a Variação Linguística nos Livros Didáticos, visto que a seleção/ escolha destes materiais deve suceder para suprir demandas que respondam às necessidades das escolas brasileiras.

Para acompanhar e dar sustentação ao PNLD, surgem, em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a Língua Portuguesa. O indispensável intuito deste documento, é viabilizar critérios para que a avaliação destes materiais, especialmente, em relação aos conteúdos, seja cumprida, padronizada pelos avaliadores. Este documento surge com o objetivo de responder a uma demanda crescente em nexos ao que seria importante estar presente nos livros didáticos. Averiguando que estaria presente ou não, em relação aos conteúdos, os PCNs definem a seguinte concepção sobre o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula:

Ao invés de organizar o ensino em unidades formatadas em “texto”, “tópicos de gramática” e “redação”, fechadas em si mesmas de maneira desarticulada, as atividades propostas devem considerar as especificidades de cada uma das práticas de linguagem em função da articulação que estabelecem entre si (Brasil, 1998, p. 36).

Obviamente, para acontecer uma escolha mais precisa, sobretudo assertiva, torna-se imprescindível estabelecer uma concepção para o ensino em sala de aula, já que se haveria uma concepção para a escolha de conteúdo, também seria importante uma ótica do que é o ensino em sala de aula, de modo que seja planejada da subsequente forma: leitura, produção de textos, oralidade e gramática. Mesmo com todas as indagações abordadas e desenvolvida, de acordo consignado anteriormente, o livro didático não se torna um solucionador de contratempo dentro da sala de aula, muito menos o *feedback* para todos os problemas do educador. Cabe ao docente, reconhecer os pleitos de ensino e aprendizagem, seja em relação ao conteúdo ou as necessidades dos discentes. Em relação a esta questão, tem-se como base a afirmação abaixo;

Ao organizar o ensino, é fundamental que o professor tenha instrumentos para descrever a competência discursiva de seus alunos, no que diz respeito à escuta, leitura e produção de textos, de tal forma que não planeje o trabalho em função de um aluno ideal para o

ciclo, muitas vezes padronizado pelos manuais didáticos, sob pena de ensinar o que os alunos já sabem ou apresentar situações muito aquém de suas possibilidades e, dessa forma, não contribuir para o avanço necessário (Brasil, 1998, p. 48).

Com a discussão em constante pauta, o PNLD leva em consideração também o que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A recomendação deste material é propor um alinhamento/padronização do ensino, de certa forma, guiar em relação ao conteúdo, como uma forma de que o discente não seja afetado na sua aprendizagem por haver certa discrepância de conteúdo de uma instituição para a outra. Com as argumentações em torno deste documento, a sua versão final foi homologada em dezembro de 2017 pelo Ministério da Educação (MEC).

Nesse viés, o ensino e aprendizagem da variação linguística dentro de sala de aula e nos livros didáticos, devem ser listados na convivência do aluno com a Língua Portuguesa, ou seja, de nada vale sistemas de ensino que interacionem apenas a repetição de métodos de ensino, se estes não outorgam protagonismo ao educando e oportuniza o desenvolvimento e a interação com a Língua Portuguesa em sala de aula. Assim, torna-se cada vez mais imprescindível que os verídicos protagonistas do ensino nas escolas, que são professores/educadores, sejam incluídos na preparação/execução de credenciais de grande porte para a Educação, pois é de suma relevância que o ensino seja tracejado na visão de quem vivencia a sala de aula dia a dia, pois não há como alcançar o sucesso dentro da educação, se a conversa se torna limitada apenas as autoridades e estas não incluem quem deveria assessorar na elaboração destes documentos.

O ensino em sala de aula, com temáticas como a variação linguística, deve partir da hipótese que, sem o funcionamento e a interação da Língua em sala de aula e no meio social que o aluno está inserido, este será apenas mais um ensino tracejado nas regras e na repetição, e desta forma, o discente não irá aproxima-se a concepção de que a Língua Portuguesa é viva e sobretudo representativa.

No próximo tópico intitulado, “Vamos explorar os critérios e diretrizes utilizados para selecionar os trabalhos para os Critérios para Seleção de *Corpus*”, discutiremos como esses critérios impactam a qualidade e a relevância, bem como o processo de avaliação e análise. Após esse tópico, você pode prosseguir com a discussão sobre a análise ou outros aspectos relacionados.

3 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* selecionado para organizar esta pesquisa, é composto pela unidade do livro didático de Língua Portuguesa, em que se optou por realizar uma análise, mediante ao tema proposto pela a pesquisa, visando pautar a abordagem da Sociolinguística no respectivo material didático. Os critérios para selecionar esta unidade foram pautados nos seguintes critérios de análise:

- Material didático que faça menção ao tema de análise desta pesquisa, isto é, Variação Linguística;
- Questões sobre a variação Linguística propostas pelas as atividades;
- Levantamento da importância da Sociolinguística para a comunicação;
- Tratamento dispensado ao preconceito linguístico.

3.1 TÍTULO ANALISADO

Para a realização desta pesquisa, seguindo os objetivos propostos, realizamos a análise da unidade do livro didático de Língua Portuguesa, do 6º- ano dos anos finais II, conforme Quadro 01 abaixo:

QUADRO 01: Livro Didático analisado

OBRA	AUTORES	ANO	NÍVEL	EDITORA
Geração Alpha	Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti	2020	Ensino Fundamental	Andressa Munique Paiva

FONTE: autoria própria, 2023.

Abaixo, a imagem 01 apresenta a capa da obra citada, para ilustração e melhor visualização do título analisado e considerado neste estudo. As imagens abaixo possuem o objetivo de proporcionar ao leitor uma melhor visualização do Livro Didático analisado nesta pesquisa:

FIGURA 01: Imagens da Capa da obra analisada nesta pesquisa



FONTE: autoria própria.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE PESQUISA

Para a elaboração e realização desta pesquisa, a mesma foi realizada conforme etapas abaixo: **1) Definição dos conceitos e área de pesquisa:** através da leitura e contato com a disciplina de Sociolinguística, definiu-se o tema base para a elaboração e realização desta pesquisa, que é analisar como é tratado o tema da variação linguística nos livros didáticos; **2) Escolha do Livro Didático:** através de uma análise do sumário do livro didático; **3) Análise das propostas:** mediante a etapa anterior, com base no conteúdo trabalhado no livro didático, tornou-se possível analisar e compreender mediante as referências e conteúdos abordados, se estes estavam de acordo com a proposta do livro didático; **4) Análise de conceito e conteúdo:** de acordo com o tema da pesquisa e conceitos abordados pelos pesquisadores que foram base para esta pesquisa, buscou-se analisar e compreender como foi trabalhado o conteúdo de Variação Linguística dentro do livro didático e os conceitos presentes.

4 SOCIOLINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

A análise de livro didático fez-se de suma relevância a para que possamos identificar, compreender e analisar as necessidades dos educandos em sala de aula. Quando se trata da Língua Portuguesa, esta importância é ainda mais necessária, pois, como abordamos, foram traçados vários mitos em torno da Língua e, por isso, muitos alunos possuem dificuldades para internalizar e entender o que é ensinado em sala de aula.

Nesse viés, torna-se ainda mais fundamental entender as demandas dos discentes, no que diz respeito a aprendizagem da Língua Portuguesa, sobretudo, conhecer o que está sendo inserido e abordado dentro dos Livros Didáticos, materiais estes que fazem parte da vida dos discentes e possuem um indispensável papel no auxílio a aprendizagem dos alunos. Sendo assim, neste capítulo, será exposto a análise do livro didático de LP selecionado para este estudo, conforme especificações do Quadro 1 e da ilustração da capa mostrada na imagem 01.

4.1 LIVRO DIDÁTICO *GERAÇÃO ALPHA*

Este Material, conforme a aprovação do PNLD de 2020, é de autoria de Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti. Este possui seu conteúdo voltado para a Língua Portuguesa, sendo específico para o 6º ano dos anos finais do Ensino Fundamental.

Neste primeiro momento, é de suma importância verificar o que está inserido e proposto no sumário da obra analisada, assim, já dispomos de uma visão sobre o que está inserido na obra e se o conteúdo ao qual essa pesquisa está analisando, está inserido dentro da unidade. Essas informações são perceptíveis na Figura 02 abaixo:

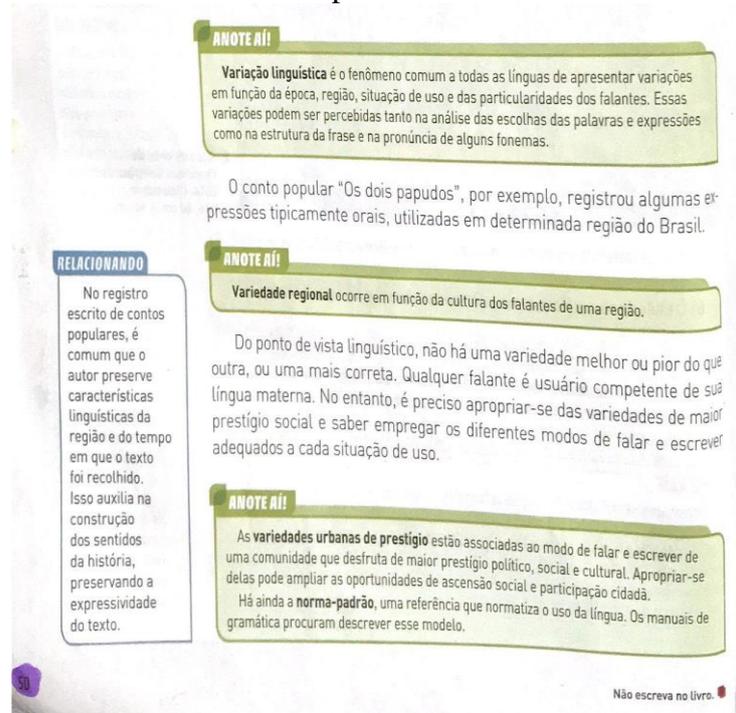
FIGURA 02: Sumário do livro didático *Geração Alpha*

Sumário	
1 Unidade	NARRATIVA DE AVENTURA 9
2 Unidade	CONTO POPULAR 41
3 Unidade	HISTÓRIA EM QUADRINHOS 73
1. Personagens em ação 12	1. Histórias daqui 44
• Texto: "Moby Dick", de Herman Melville 12	• Texto em estudo 47
• Uma coisa puxa outra: Aventuras em um universo peculiar 16	• Uma coisa puxa outra: Diversão na roça 49
• Língua em estudo: Língua e linguagem 18	• Língua em estudo: Variação linguística: variedades regionais 50
• Atividades 20	• Atividades 51
• A língua na real: O diálogo entre os textos 21	• A língua na real: A variação linguística e a caracterização de personagens 52
• Agora é com você!: Continuação de narrativa de aventura 22	• Agora é com você!: Contação de conto popular 54
2. Espaço de desafios 24	2. Contos de lá 56
• Texto: "O lobo do mar", de Jack London 24	• Texto em estudo 59
• Língua em estudo: Fatores de textualidade e gêneros textuais 28	• Língua em estudo: Variação linguística: variedades situacionais e sociais 62
• Atividades 30	• Atividades 64
• A língua na real: O gênero e o contexto de produção 31	• A língua na real: O registro e a adequação à situação discursiva 65
• Escrita em pauta: Letra e fonema 32	• Escrita em pauta: Encontro consonantal e dígrafo 66
• Agora é com você!: Escrita de narrativa de aventura 34	• Agora é com você!: Reescrita de conto popular 68
ATIVIDADES INTEGRADAS: "As aventuras de Huckleberry Finn", de Mark Twain 38	ATIVIDADES INTEGRADAS: "O homem pequeno", de Henriqueta Lisboa 70
IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 40	IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 72
1. Clássico em nova roupagem 74	• Texto em estudo 92
• Texto: HQ sem título, de Bennett 74	• Língua em estudo: O substantivo e suas flexões 94
• Uma coisa puxa outra: Evolução de personagens 75	• Atividades 96
• Língua em estudo: Substantivo 76	• A língua na real: O valor semântico dos graus do substantivo 97
• Atividades 77	• Escrita em pauta: Separação de sílabas 98
• A língua na real: O substantivo em classificados e poemas 78	• Agora é com você!: Elaboração de história em quadrinhos (parte 1) 80
• Agora é com você!: Elaboração de história em quadrinhos (parte 1) 80	2. O cotidiano em quadrinhos 90
	• Texto: "É... olhando assim, faz sentido", de Orlandeli 90
	• Língua em estudo: O substantivo e suas flexões 94
	• Atividades 96
	• A língua na real: O valor semântico dos graus do substantivo 97
	• Escrita em pauta: Separação de sílabas 98
	• Agora é com você!: Elaboração de história em quadrinhos (parte 2) 100
	ATIVIDADES INTEGRADAS: "Calvin e Haroldo", de Bill Watterson 102
	IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 104

FONTE: Costa e Machetti (2020).

A abordagem dos conteúdos demandados pelo sumário, tornou-se interessante, visto que oportuniza ao discente, o contato com este material no 6º ano, assim como uma reflexão mais otimizada do que é a variação linguística, embora o educando, nesta etapa, ainda não conheça o tema por essa terminação. Assim, a primeira atividade que é inserida no livro é um texto de apoio, possibilitando ao educando a compreensão das variações linguísticas dentro da sua comunidade de fala e dentro da Língua Portuguesa. Na imagem 03, podemos visualizar o texto de apoio a esta atividade:

FIGURA 03: Texto de apoio do Livro Didático em análise



FONTE: Costa e Machetti (2020).

É de suma importância que seja trabalhado em sala de aula, pelos materiais didáticos, a consciência do educando relacionado com a sua fala/oralidade, em especial, a sua percepção do que é importante internalizar sobre a Língua Portuguesa. Por isso, a leitura e mediação deste texto em sala de aula, mencionada pelo professor, trabalha claramente com a variação linguística e, essencialmente, com o preconceito linguístico.

Nesse sentido, o professor pode iniciar uma aula com uma discussão sobre a variação linguística, explicando que a língua portuguesa é diversa. Em seguida, o educador pode encorajar os alunos a ler e discutir os textos de apoio, de modo que eles podem ser convidados a identificar diferenças linguísticas entre os exemplos apresentados nos textos. Isso pode incluir variações no vocabulário, na pronúncia, na gramática, e expressões regionais que estão presentes, pode apresentar os contos populares que são escritos em diferentes variedades da língua. Para este trabalho, é indispensável que o docente possua a consciência que a homogeneidade linguística é um mito

Os textos de apoio expostos na figura 03, são extremamente necessários, e ocorre de forma simultânea ao trabalho realizado com a variação linguística, à medida que disserta acerca dos conceitos básicos do que seria, na prática, a variação linguística. Fazendo menção ainda, aos contos populares, que traz a explicação sobre as características linguísticas presente nestes

gêneros. Os textos de apoio ocorrem de forma simultânea à medida que aborda a exemplificação da variedade linguística, conscientização sobre o estereotípico, discursão e reflexão,

Adiante, os autores propõem uma atividade de reflexão linguística, através de um texto, que é apresentado o típico falar do Nordeste e como atividade, os alunos deverão refletir sobre algumas expressões típicas deste grupo e qual a importância delas dentro da Língua Portuguesa. Ainda é proposto por essa mesma atividade, pela questão 2, um texto na qual a língua varia, devido a época a qual foi escrita. Na atividade, é pertinente mencionar que as questões trazem uma análise da grafia, fazendo menção a escrita adotada atualmente, como mostra a figura 04:

FIGURA 04: Atividade 1 presente no Livro Didático

TIVIDADES

Leia a letra de música abaixo e responda às questões.

<p>Óia eu aqui de novo Óia eu aqui de novo xaxando Óia eu aqui de novo para xaxar</p> <p>Vou mostrar pr'esses cabras Que eu ainda dou no couro Isso é um desaforo Que eu não posso levar Que eu aqui de novo cantando Que eu aqui de novo xaxando Óia eu aqui de novo xaxando Óia eu aqui de novo mostrando Como se deve xaxar</p>	<p>Vem cá morena linda Vestida de chita Você é a mais bonita Desse meu lugar Vai, chama Maria, chama Luzia Vai, chama Zabé, chama Raque Diz que tou aqui com alegria Seja noite ou seja dia Eu tô aqui pra ensinar xaxado Eu tô aqui pra ensinar xaxado Eu tô aqui pra ensinar</p>
---	--

Antônio Barros. *Óia eu aqui de novo*. Intérprete: Luiz Gonzaga.
 Disponível em: <<http://luizluagonzaga.mus.br/site/2009/01/27/ia-eu-aqui-de-novo/>>.
 Acesso em: 30 jul. 2018.

- Qual é o significado da palavra *xaxado*? Se necessário, procure no dicionário.
- Na primeira estrofe, o eu lírico revela um objetivo. Qual?
- Que termo da primeira estrofe está em desacordo com a norma-padrão? Como essa palavra é registrada na norma-padrão?
- Qual é o efeito produzido pelo uso dessa expressão da forma como aparece no texto?
- Cite um verso da música que caracteriza uma fala regional.

Leia o texto a seguir, escrito em 1911.

Brinquedos e cantos infantis
 Muitos dos pequenos leitores d'este Almanach, principalmente os do sul, desconhecem alguns brinquedos e cantos infantis, commummente usados no norte do paiz.
 D'estes brinquedos grande parte tem musica propria mais ou menos melodiosa, cantada em côro pelas creanças, que se munem para esse fim. Muitos são antiquíssimos; remontam aos tempos coloniaes e foram trazidos pelos portuguezes que, como todos sabem, foram os descobridores e colonizadores do Brazil.
 Um dos mais antigos é, por certo, a *Ciranda*, tambem um dos mais conhecidos e populares.

Almanach do Tico-Tico, Rio de Janeiro, p. 45, 1911.

- Quem era, provavelmente, o público leitor desse texto?
- Como você pôde observar no texto, a língua também varia conforme a época. Identifique palavras do texto cuja grafia é diferente da adotada atualmente.
- Imagine que você trabalha em uma revista e precisa editar essa matéria para adequá-la à norma-padrão atual. Reescreva o texto no caderno, fazendo as adequações necessárias à nova situação de comunicação.

FONTE: Costa e Machetti (2020).

A variação Linguística da atividade 01 traz o estudo da música “Óia eu aqui denovo” escrita por Antônio Barros e interpretada por Luiz Gonzaga. A canção destaca a expressão da história e cultura nordestina “xaxar”, que surgiu de uma atividade do sertanejo e significa cavar a terra ou capinar. Podemos ver que a atividade proposta, proporciona a identificação das marcas presentes dentro desta comunidade de fala.

Nesse viés, o aluno consegue sentir-se introduzido dentro do conteúdo e associar, com uma maior simplicidade, o que é trabalhado em sala de aula. A atividade proposta oferece aos

alunos a oportunidade de identificar as marcas linguísticas específicas presentes dentro da comunidade de fala abordada no texto. Isso é alcançado através da análise das expressões, palavras e estruturas linguísticas utilizadas pelos membros dessa comunidade.

Os alunos são incentivados a identificar e compreender como a língua é adaptada e moldada pelas práticas comunicativas e culturais dessa comunidade. A partir desse exercício, os alunos conseguem se sentir mais inseridos no conteúdo, pois se tornam capazes de associar o que estão aprendendo em sala de aula com a vida real, de maneira mais simples e tangível. Eles percebem que a língua não é uma entidade estática, mas algo que evolui e se adapta de acordo com o contexto social e cultural. Essa compreensão facilita a aprendizagem, tornando o conteúdo mais relevante e significativo para os alunos, enquanto também promove uma maior valorização da diversidade linguística. Ainda é importante frisar que, apesar do material didático abordar questões claras e objetivas sobre a variação linguística, é imprescindível o educador trazer outras formas de trabalhar tal temática, para assim, fixar de maneira eficaz um assunto tão importante quanto os demais, formando o aluno também para um meio social de interação mais respeitoso.

Como segunda atividade proposta, a unidade traz um texto com ênfase na fala dos personagens em ação, enfatizando a variedade regional presente e abordando características típicas do falar dos personagens. Com essa atividade, os alunos conseguem alcançar uma maior identificação da variação regional, a compreensão da linguagem textual, analisando a fala dos personagens em ação, o que pode ajudar os alunos a entender como a linguagem está intrinsecamente ligada ao contexto, além de promover a habilidades de análise textual. Eles podem perceber que as escolhas linguísticas dos personagens são influenciadas pelas situações em que se encontram. Nas figuras 05 e 06, podemos visualizar a atividade 2 da unidade em análise:

FIGURA 05: Atividade 2 presente no Livro Didático

A LÍNGUA NA REAL

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E A CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS

Na seção anterior, você estudou o fenômeno da variação linguística e viu que há diferentes modos de falar uma mesma língua. Observe agora como determinada variedade regional pode ter papel significativo na caracterização das personagens de um texto literário.

1. Leia o trecho a seguir.

Trezentas onças

— Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as — boas-tardes! — ao dono da casa, aguentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaíaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... depois tudo me ficou cinzento, para escuro...

Eu era mui pobre — e ainda hoje, é como vancê sabe... —; estava começando a vida, e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras...

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

— Então, patrício? Está doente?

— Obrigada! Não, senhor, respondi, não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

— A la fresca!...

— É verdade... antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!...

— É uma dos diabos, é... mas não se acocume, homem!

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo.

Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaíaca e por cima dela o cinto das armas [...]; tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaíaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem. [...]

João Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1974

a) A que se refere a palavra *onças* no título? Se for necessário, pesquise o significado dela em um dicionário.

b) De que outra forma esse título poderia ser compreendido?

2. No trecho lido, há muitas palavras e expressões características de certa região do Brasil.

a) No caderno, liste as palavras e expressões que você não entendeu e suponha um possível significado para elas com base no contexto.

b) Se não conseguiu compreender o significado delas com base no contexto, consulte um dicionário ou outra fonte.

■ Não escreva no livro.

FONTE: Costa e Machetti (2020).

FIGURA 06: Continuação da atividade 2 da figura 4

3. O conto está em primeira pessoa. Quem narra é o protagonista.

a) A quem o protagonista está contando a história?

b) Indique uma característica do protagonista. Justifique sua resposta com um trecho do texto.

c) Qual deve ser a profissão do protagonista?

d) Em que região do país você supõe que ele viva? Que pistas e elementos do texto possibilitam chegar a essa conclusão?

4. Releia o trecho a seguir.

— [...] Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as — boas-tardes! — ao dono da casa, aguentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaíaca!

a) O trecho procura representar a maneira como a personagem fala. Que recursos são utilizados para isso? Copie no caderno as alternativas corretas.

I. Emprego de registro informal.

II. Pontuação que reforça a expressividade.

III. Ausência de pontuação.

IV. Emprego de registro formal.

V. Vocabulário erudito.

VI. Vocabulário característico da região de origem do conto.

b) Justifique as alternativas selecionadas com trechos do texto.

5. A expressão "tirão seco no coração" não significa que a personagem levou um tiro de fato, mas que teve um sobressalto, uma sensação de dor no peito provocada por um problema inesperado. O que aconteceu com o protagonista que o deixou preocupado?

6. Agora, releia outro trecho do texto.

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo.

a) Nesse trecho, o narrador descreve as ações do "cusco brasino". Essa expressão refere-se a que animal?

b) Que palavras ou expressões do texto permitem chegar à conclusão de que "cusco brasino" se refere a esse animal?

c) Qual foi a principal ação do "cusco brasino" no texto?

d) O termo *cusco* pode ser considerado exemplo de variedade regional? Explique.

7. Sobre os dois últimos parágrafos do trecho, responda às seguintes questões.

a) Qual é a função da descrição do espaço feita pelo narrador?

b) O narrador consegue resolver o problema que o afligia? Justifique sua resposta.

ANOTE AÍ!

O registro de determinada **variedade linguística** pode ter uma função fundamental no texto literário quando corresponde à fala de uma personagem: ajudar a compor suas **características** e apresentar **informações** sobre o grupo ao qual essa personagem pertence.

■ Não escreva no livro.

FONTE: Costa e Machetti (2020).

O texto da atividade 02, presente no livro, remete a *Trezentas onças*, escrito em 1976, por João Simões Lopes. As variações linguísticas tornam-se pertencentes à Língua Portuguesa, e quando abordamos esta temática em sala de aula, é importante fazer um trabalho eficaz. É importante destacar que os livros didáticos, uma vez que são instrumentos indispensáveis na função do ensino e aprendizagem dos alunos, portanto, os livros didáticos têm o potencial de ampliar o entendimento dos alunos sobre a diversidade linguística, promovendo uma abordagem inclusiva e respeitosa para com as diferentes formas de fala e expressão. Eles podem desempenhar um papel significativo na desconstrução de estereótipos e preconceitos linguísticos, educando os alunos sobre a riqueza cultural que está intrínseca.

Além disso, os livros didáticos podem servir como ferramentas que capacitam os professores a desenvolver atividades mais abrangentes. É imperativo que os livros didáticos sejam elaborados de forma a abordar as variações linguísticas de maneira positiva e enriquecedora. Nesta unidade em análise, em primeiro momento, mostra-se uma linguagem clara e objetiva, utilizando de textos de apoio, para melhor compreensão dos educandos. Assim, os alunos que são indicados para o uso deste livro, podem compreender facilmente a temática. Portanto, de início, os textos de apoio foram extremamente necessários, à medida que traz um conceito geral sobre a temática.

Já na atividade 2, abordada pela unidade de ensino, as questões vêm superficial, à medida que traz questões de interpretação textual, ou seja, pressupostos textuais. Estas questões trazem vagamente o trabalho da variação presente no texto, abordado pelo falar regional Gaúcho, não explora os dialetos, não traz uma comparação com a região onde o livro circula, não traz uma comparação com outro texto para analisar os dialetos e enfatizar a variação como algo situacional e regional. Não explora os dialetos regionais ou se estabelecem comparações com outras regiões ou textos.

Nesse sentido, a atividade não contextualiza a variação linguística no ambiente em que o livro é utilizado, perdendo a oportunidade de mostrar aos alunos como essa variação é algo situacional e regional, linguagem e os dialetos são moldados pelo contexto cultural e social, e a atividade não explora essa dinâmica. Um enfoque mais abrangente e exploratório enriqueceria o aprendizado dos alunos, ampliando sua compreensão da variação linguística e do papel da língua em sua vivência na sociedade, isso ajudaria a desconstruir estereótipos linguísticos e a promover uma avaliação mais profunda da diversidade linguística.

Desse modo, o trabalho com a variação linguística e o preconceito linguístico deve ser feito de forma mais abrangente, exploratória e crítica, a fim de capacitar os alunos a compreender a complexidade e a riqueza da linguagem em seu contexto regional e cultural. Essa

abordagem enriqueceria o aprendizado e promoveria uma maior valorização da diversidade linguística. Portanto, cabe ao discente, o trabalho com o conteúdo da variação linguística e do preconceito linguístico com propostas que vão além do livro didático, para que o educando possa compreender o papel da Língua em sua vivência em sociedade.

Quando é referido a necessidade/importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula e nos livros didáticos, não é apenas nestes campos que precisamos de uma abordagem mais espaçosa. O trabalho com esta temática em sala de aula, permite ao educando uma visão sobre o que de fato é este tema, e como ele está inserido em nosso dia a dia. Sendo assim, atividades de fixação devem estar mais próximas possível da realidade do aluno, e desse modo, inseri-lo dentro de atividades que este aluno possa visualizar e compreender a variação linguística e os graus de formalidade que são exigidos em definidas situações. Na figura 07 e 08, temos outro exemplo de atividade:

FIGURA 07: Atividade 3

LÍNGUA EM ESTUDO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: VARIEDADES SITUACIONAIS E SOCIAIS

1. Releia o trecho abaixo que reproduz a fala da velhinha ao notar que as moedas de prata se transformaram em um bloco de ferro.

— Minha nossa! Agora é um bloco de ferro! Ora, não podia ser melhor. É muito conveniente. Vou vender isso fácil, fácil e conseguir várias moedinhas por ele. Sim, é muito mais prático que um monte de ouro e prata que ia me deixar acordada de noite, com medo de ser roubada. Um bloco de ferro é uma coisa boa de ter em casa: a gente nunca sabe quando vai precisar dele.

Ethel Johnston Phelps (Org.). *Chapeuzinho Esfarrapado e outros contos feministas do folclore mundial*. São Paulo: Seguinte, 2014.

a) Nesse trecho, que expressão marca a surpresa da velhinha com o acontecimento? Copie-a no caderno.

b) Nessa situação, o esperado era a velhinha se aborrecer com o ocorrido. Que trechos explicam a razão dessa quebra de expectativa?

c) A linguagem desse trecho tem registro mais formal ou mais informal? Relacione sua resposta à situação comunicativa.

Como você viu na atividade anterior e estudou no capítulo 1, dependendo da região onde moram ou da situação comunicativa, as pessoas usam determinado modo de falar. Agora, você vai analisar as variedades linguísticas situacionais e sociais da língua portuguesa.

VARIEDADES SITUACIONAIS

2. Leia o texto a seguir. Ele faz parte da contracapa do livro que você vê ao lado.

Bem-humoradas e cheias de sabedoria, as histórias de Ananse são inacreditáveis. Transmitidas de boca em boca e bastante populares na região de Gana, na África Ocidental, elas falam de costume, tradição, ética e respeito, mantendo-se vivas na memória do povo desde há muito tempo. Ananse é uma aranha que se comporta como gente. Diante das enascadas em que se mete, sempre encontra uma maneira de agir com astúcia, de bolar uma artimanha, de passar a perna em seu adversário. Como é um personagem totalmente humano, Ananse às vezes se dá bem, outras vezes não!

Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakité. *Histórias de Ananse*. São Paulo: SM, 2006.

a) Para que serve a contracapa dos livros?

b) Nesse trecho, qual é o registro de linguagem predominante: o formal ou o informal? Justifique com palavras e expressões do texto.

c) Considerando que a obra se destina ao público infantojuvenil, por que foi usado o registro indicado no item b)?

NOTE AÍ!

Quando escrevemos ou falamos, é preciso adequarmos nossa linguagem à **situação de comunicação**, que envolve os **interlocutores**, o **contexto** em que se encontram e a **intenção** de quem produz o texto.

A variação no uso da língua que pode ser observada conforme as diferentes situações de comunicação no dia a dia recebe o nome de **variedade situacional**.

Não escreva no livro.

FONTE: Costa e Machetti (2020).

Figura 08: Continuação da atividade 3

O produtor de um texto escolhe um registro mais formal ou mais informal de acordo com seu interlocutor. Dependendo da situação comunicativa, é possível usar diferentes registros da linguagem.

ANOTE AÍ!
Registro informal: adequado a situações mais descontraídas, que possibilitam o uso de vocabulário pessoal e afetivo, como uma conversa entre amigos ou um texto menos oficial.
Registro formal: adequado a situações mais formais, que pedem vocabulário mais técnico e objetivo, como um discurso oficial, um seminário ou um artigo científico.

VARIÉDADES SOCIAIS

3. Leia a tira a seguir inspirada em um fenômeno linguístico.



Adão Iturrusgarai. Acervo do autor.

a) Qual é o termo que se repete na tira?
b) Na tira, em que situações o termo identificado é usado?
c) O termo identificado é uma **gíria**, ou seja, uma variedade ligada a um grupo social. A princípio esse termo era comum na fala de alguns adolescentes, com o tempo passou a ser adotado por outros grupos. Qual é a intenção do cartunista ao usar o termo nas situações apresentadas?
d) De que forma o título da tira se relaciona com essa intenção do cartunista?

4. Você observou o uso de uma gíria na atividade anterior.
a) Você costuma usar gírias? Já foi criticado por usá-las? Em que situações?
b) Leia esta definição de preconceito linguístico:

O termo **preconceito** designa uma atitude prévia que assumimos diante de uma pessoa (ou de um grupo social), antes de interagirmos com ela ou de conhecê-la, uma atitude que, embora individual, reflete as ideias que circulam na sociedade e na cultura em que vivemos. Assim [...] uma pessoa [...] pode receber avaliações negativas por causa da língua que fala ou do modo como fala sua língua.

Preconceito linguístico. Glossário do Ceale. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

- Você já se deparou com uma situação de preconceito pelo fato de uma pessoa ou grupo usar determinada variedade linguística? Conte aos colegas.

ANOTE AÍ!
A variação de uso da língua por um grupo de falantes que compartilham características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão, idade, interesses, etc.) recebe o nome de **variedade social**.
O **preconceito linguístico** resulta da comparação equivocada entre um modelo idealizado de língua (baseado nas gramáticas e nos dicionários) e os modos de falar em situações reais.

63

■ Não escreva no livro.

FONTE: Costa e Machetti (2020).

Quando abordamos a variação linguística e preconceito social, principalmente, no âmbito escolar e, essencialmente no falar, lidamos com um campo extenso de trabalho em sala de aula. A atividade acima, que é composta por uma questão com tirinha, trata do assunto de uma forma clara e objetiva, proporcionando ao professor, a probabilidade de questionar e investigar aos discentes sobre o que é considerado decente ou não. O campo de trabalho não fica somente na questão linguística, mas abre um leque de oportunidades para o trabalho com o preconceito linguístico e principalmente social. É importante contextualizar a tirinha em um cenário mais amplo, que explique o preconceito linguístico, o que pode ser feito por meio de materiais adicionais, divulgação em sala de aula ou recursos complementares, como documentários, mapas linguísticos, filmes, séries, atividades práticas e debate em sala de aula. Assim, a atividade pode ser aprimorada, proporcionando oportunidades para que os alunos explorem o preconceito linguístico de maneira mais profunda, considerando todas as dimensões do tema

Desse modo, entende-se que o educador possa trabalhar com os discentes os estigmas relacionados à Língua Portuguesa e, sobretudo, ao preconceito linguístico e qualquer forma de

fala considerada “errada” pela norma padrão. A proposta da abordagem feita pelos autores, torna-se muito relevante, pois proporciona distintos olhares sobre o texto proposto e a tirinha e, essencialmente, possibilita um diálogo de ideias em sala de aula que pode ser intermediado pelo professor.

Nesse sentido, a atividade proposta pelo livro didático, sobretudo, é necessária a intervenção do educador, apontando novas visões sobre a situação analisada. É de suma relevância que o discente possa visualizar e entender o que são os estigmas impostos sobre a Língua Portuguesa. Entendendo o que são esses estigmas, torna-se capaz que o mesmo possa reconhecer situações, as quais ele mesmo possa ter vivenciado, onde ele foi vítima de preconceito linguístico. Atividades essa, embora possa ser analisada mais a fundo, oportuniza que o conhecimento possa ser debatido em sala e possa ser aberto a todos e sobretudo gerador de novas possibilidades e visões. Na figura 09, temos outro exemplo de atividade:

FIGURA 09: Atividade 4

Crie um diálogo entre dois surfistas que se encontram na praia, inserindo palavras ou expressões usualmente empregadas por pessoas desse grupo. Para isso, consulte o quadro a seguir, que traz algumas gírias usadas por surfistas.

GLOSSÁRIO DO SURFISTA			
<i>Big rider</i>	surfista que gosta de pegar ondas grandes e sabe surfar nelas	<i>Kaô</i>	conversa fiada; papo furado
<i>Cabuloso</i>	perigoso; esquisito	<i>Marrento</i>	pessoa convencida, "que se acha"
<i>Casca grossa</i>	surfista muito bom em certas manobras; uma situação difícil	<i>Point</i>	qualquer local ou lugar; lugar badalado
<i>Crowd</i>	cheio de gente	<i>Trip</i>	viagem para praticar surfe
<i>Drop</i>	ato de descer a onda (dropar)	<i>Vaca</i>	tombo; queda na onda

FONTE: Costa e Machetti (2020).

De acordo com Bortini Ricardo (2004), a ideia central é que a variação linguística é uma característica intrínseca da comunicação humana e que as pessoas se adaptam e utilizam diferentes formas de falar de acordo com o ambiente social em que se encontram. Portanto, a diversidade linguística deve ser reconhecida e respeitada em todos os contextos, pois é uma parte natural e enriquecedora da linguagem e da cultura.

Repensar sobre o uso da linguagem, e em especial na sala de aula, é fundamental para a absorção do conteúdo e, essencialmente, sobre a Variação Linguística. À medida que sugestionamos a reflexão em sala de aula, torna-se ainda mais necessário o trabalho com temáticas que necessitam ser desmistificados dentro da Língua Portuguesa. A atividade 4

apresenta como ocorre as variações linguísticas e as mudanças presentes no contexto no qual o sujeito está inserido. Assim, ao longo da unidade, observa-se que os autores trabalham vários dialetos, em diferentes textos, para o melhor entendimento dos educandos, sobre a variação.

Em análise ao preconceito linguístico, observa-se ao longo da unidade que, através de textos em estudos e compreensão da língua, que o educador insira novas propostas alinhadas com a absorção e visão da obra sobre o tema, pois, com a implantação de novas propostas e probabilidade sobre o tema, será de grande importância o ensino desta temática em sala de aula e, acima de tudo, a aprendizagem será mais efetiva com os educandos.

A unidade é formada por fartos conteúdos, entre eles, o ensino de gramática, fenômenos da LP e traz a abordagem da variação linguística. Ainda que seja de forma mais sucinta, este livro didático possui uma ótica muito pertinente, principalmente, sobre a variação linguística, para a faixa etária que ele é proposto. É importante mencionar que não há o uso de termos técnicos pertencentes a este tema, pois o uso de tais termos não seria conveniente para o entendimento dos discentes nesta série.

Como estudo, ao longo de nossas discussões sobre a variação linguística e o preconceito linguístico, ficou evidente a complexidade e a importância desse tema no contexto educacional. Uma análise crítica de materiais didáticos, como livros e atividades, revelou tanto suas vantagens quanto suas limitações na abordagem desse assunto. Observamos que a variação linguística não se restringe apenas às diferenças regionais, mas abrange uma diversidade de contextos sociais, culturais e históricos. Fornecer um ensino eficaz da Sociolinguística para alunos do 6º ano, requer uma abordagem que seja sensível ao desenvolvimento cognitivo, culturalmente relevante e que promova a compreensão da diversidade linguística. É um desafio que, quando abordado de maneira cuidadosa e adaptada, pode enriquecer a educação dos alunos e estimular a apreciação da complexa relação entre linguagem e sociedade

Nesse sentido, julgamos a obra analisada plausível para o trabalho com os 6º- anos do Ensino Fundamental nos anos finais II, pois a mesma é reflexiva e possui uma aproximação e visão sobre a Língua Portuguesa e sobre a variação linguística, em especial, sobre o preconceito linguístico, muito adequada e oportuna de acordo com as pesquisas e os teóricos que abordam este assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta análise, exploramos a relevância da utilização de livros didáticos, com uma ênfase particular na área enriquecedora da sociolinguística. Demonstramos como essas ferramentas educacionais desempenham um papel crucial na formação linguística dos alunos, proporcionando uma base sólida para a compreensão das complexidades da linguagem em contextos sociais diversos. É imperativo, no entanto, ir além da mera utilização do livro didático como um recurso estático. O campo dinâmico da sociolinguística exige uma abordagem adaptável, capaz de refletir as mudanças e nuances nas interações linguísticas ao longo do tempo. Nesse sentido, é crucial que os materiais didáticos sejam atualizados e incorporados com exemplos contemporâneos que abordem as transformações linguísticas na sociedade.

Torna-se evidente que a sociolinguística não é apenas um tópico a ser abordado, mas uma lente pela qual os alunos podem compreender e contextualizar o próprio processo de comunicação. Os livros didáticos, portanto, não devem ser encarados como meros veículos de informação, mas como guias interativos que capacitam os estudantes a explorar ativamente as relações entre linguagem e sociedade. Além disso, é crucial considerar a diversidade linguística e cultural ao desenvolver materiais didáticos na área da sociolinguística. A incorporação de variedades linguísticas, dialetos e experiências culturais amplia a compreensão dos alunos sobre a riqueza da linguagem e sua manifestação em diferentes comunidades.

Após o término desta pesquisa, tornou-se plausível entender a importância do destaque a temáticas como a variação linguística, sobretudo, o combate ao preconceito linguístico. Trabalhos com a finalidade de viabilizar um ensino apropriado e preciso dentro da educação, principalmente, em Língua Portuguesa, possuem vantajoso valor para a quebra de inúmeros estigmas introduzidos dentro da Língua Portuguesa, com o passar dos anos.

Reconhecemos que ainda há muito o que ser feito para um ensino-aprendizagem mais positivo e, acima de tudo, mais aberto ao diálogo, e a compreensão de uma educação linguística mais completa e mais abordada dentro de Língua Portuguesa nas instituições de ensino. Entender o cenário em que o discente está adentrado, sobretudo, quando abordamos de ensino da Língua Portuguesa, é de suma relevância para que o mesmo entenda o seu valor e a sua valia como aluno e ser humano inserido dentro da nossa sociedade.

A variação linguística é uma temática que se faz necessária e bastante presente na nossa sociedade, nas comunidades que compõem o nosso Brasil, e nas escolas. Entender este tema, é oportunizar que o ensino aprendizagem seja muito mais alcançável, sem estar fundamentado em preconceitos, estigmas e opiniões diferentes daquilo que a Língua Portuguesa de fato representa.

Quando falamos da escola e do ensino, compreendemos que é imprescindível averiguar tudo o que é ensinado, principalmente, os materiais que são utilizados como base para o ensino dos alunos.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou trazer luz sobre algo tão necessário em nossa sociedade, além de conhecer profundamente o tema, é viável que os educandos e a sociedade compreendam que o português não é difícil, ele foi apenas ensinado de uma maneira que não estava acessível a todos com o passar dos anos. Pesquisas como esta, procuram possibilitar a aprendizagem e a compreensão sobre o papel de libertação, auxílio e voz que a Língua Portuguesa pode conceder a todos nós.

Diante do exposto, essa pesquisa monográfica teve como objetivo geral analisar o ensino da sociolinguística no Livro Didático de Língua Portuguesa para alunos do 6º- ano do Ensino Fundamental II. Para que este objetivo fosse atingido, elencamos ainda os objetivos específicos, em que verificamos e interpretamos o tratamento da sociolinguística no Livro de Língua Portuguesa do 6º - ano do Ensino Fundamental II; analisamos as propostas didáticas/metodológicas da sociolinguística no livro didático de Língua Portuguesa; e refletimos sobre as propostas de atividades tratadas no Livro Didático para se trabalhar em sala de aula.

A pesquisa revelou que a conscientização sobre a língua portuguesa, quando trabalhada em conjunto com a variação linguística, tem impacto direto na mitigação do preconceito linguístico. Ao analisar a unidade em questão, observou-se uma melhoria significativa na compreensão das diferentes formas de expressão linguística. A abordagem pedagógica centrada na variação linguística, especialmente ao lidar com o preconceito linguístico, mostrou-se eficaz na promoção de um ambiente educacional mais inclusivo. Portanto, os resultados da pesquisa indicam que a implementação dessa abordagem na unidade em análise é plausível e pode contribuir significativamente para a construção de uma base educacional mais sólida, promovendo não apenas a competência linguística, mas também valores fundamentais de respeito e compreensão mútua.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAGNO, Marcos. **"Nada na língua é por acaso"**. 1a Ed. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em : <file:///C:/Users/Gisele/Downloads/portugues%20MEC.pdf> . Acesso em : 04 de Outubro de 2022
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 2001**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em : <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002406.pdf> . Acesso em: 04 de Outubro de 2022.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística - Parte II. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (ed.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2001
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.
- FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002
- LABOV, William (1972) **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004
- MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, C. e BRAGA, M.L. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo-SP: Contexto, 2010.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; KOCH, Ingedore Villaça. **A Coerência Textual**. 18. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.